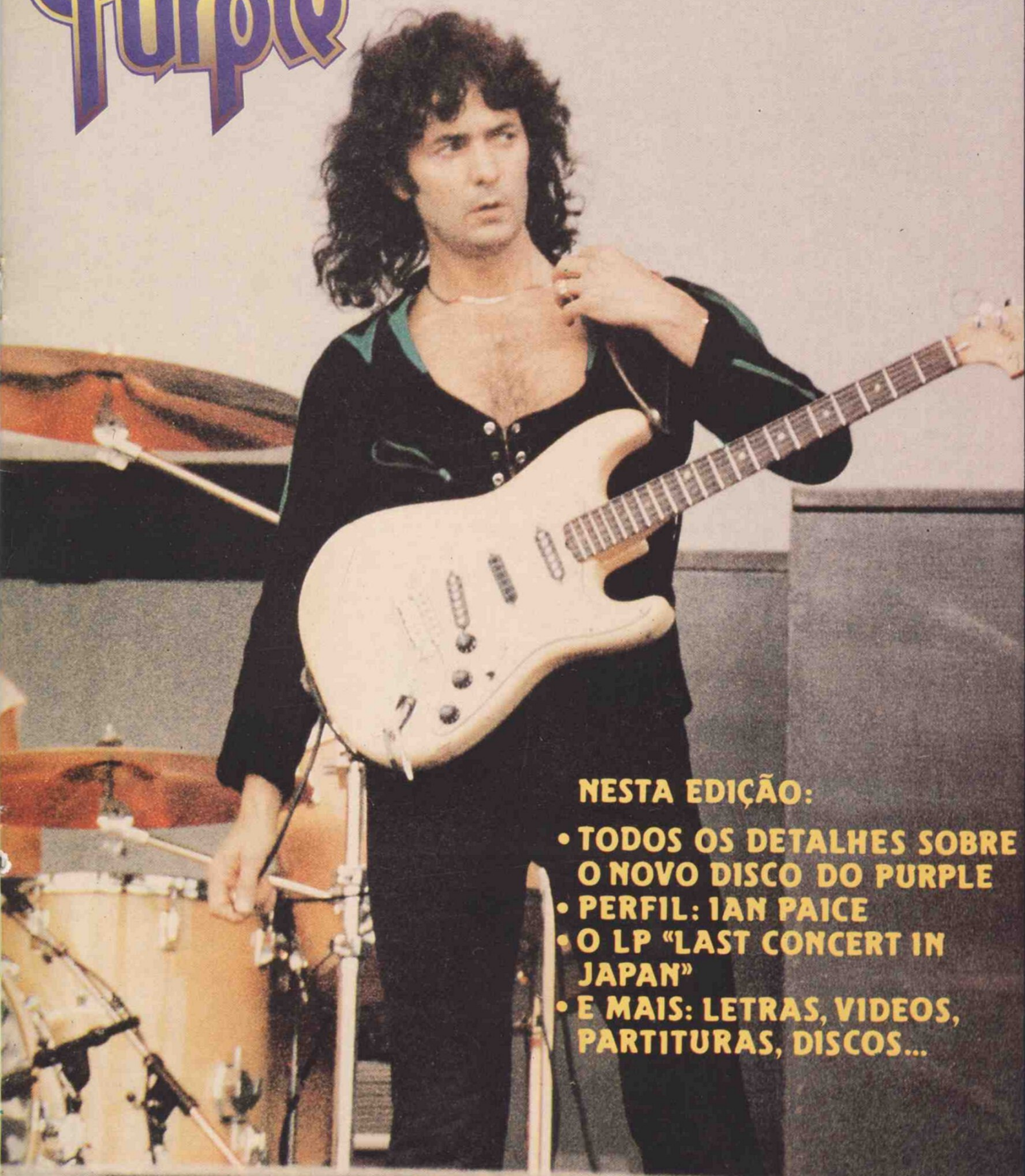


into the Purple

Nº 4



NESTA EDIÇÃO:

- TODOS OS DETALHES SOBRE O NOVO DISCO DO PURPLE
- PERFIL: IAN PAICE
- O LP "LAST CONCERT IN JAPAN"
- E MAIS: LETRAS, VIDEOS, PARTITURAS, DISCOS...

A P R E S E N T A Ç Ã O

Meah, Apreciadores! Aqui estamos nós novamente após nove meses, vindo nascer (de parto normal) mais uma edição do nosso fanzine. Para nós, é sempre emocionante ver mais uma Into the Purple circulando. Porém esta emoção nem se compara com a que vivemos com o lançamento de mais um disco do Deep Purple. The House of Blue Light é objeto de celebração para nós, uma verdadeira injeção de adrenalina, que nos motiva ainda mais a prosseguir com nosso trabalho.

Continuamos firmes com nossa proposta inicial de divulgar o trabalho do Purple, apesar dos inevitáveis acidentes de percurso. Um deles nos deixou especialmente tristes — lamentamos informar que a Rock Concert encerrou suas atividades. Após uma série de dificuldades, fomos obrigados a fechar o "reduto", depois dele nos ter proporcionado tantas

alegrias e amizades. Mas, como diz o Gillan, Life goes on.

Outras coisas que aconteceram desde o último número nos deixaram de certa forma magoados e quase precipitaram o fim da Sociedade. Alguns (poucos) não entendem o espírito que norteia aquilo que fazemos e nos confundem com uma entidade meramente comercial. Desde o início tentamos desvincular qualquer pretensão financeira das atividades da Sociedade e é por isso que vocês reclamam tanto da demora entre as edições do fanzine. A elaboração de uma revista, ainda que simples como esta, custa muito caro e só está até hoje circulando porque colocamos dinheiro de nossos bolsos, para viabilizar a impressão das edições anteriores. Fizemos isto porque é um maravilhoso passatempo e um excelente jeito de se fazer amigos. Além disso, achamos que o Purple merece um pouco de dedicação de nossa parte. É evidente que

essa situação toda não deve — e nem pode — durar eternamente. Queremos que a Into the Purple se auto financie, inclusive para que ela cresça e melhore. Já imaginaram, mais páginas a cores, edições regulares... Mas o que nos deixa desanimados, às vezes, são certas acusações de "comerciantes" (poucas, mas uma só já seria o suficiente), porque vemos que nem todos reconhecem nosso trabalho. Desculpem-nos o desabafo, mas é que não gostaríamos que certas coisas se repetissem.

Temos uma série de comunicados importantes a dar para vocês. O primeiro é a mudança de endereço da Sociedade. Agora, a correspondência deve ser enviada à Caixa Postal 42386. CEP 04299. São Paulo. SP. Lembramos a todos que adoramos receber cartas e que respondemos a todas com muita satisfação, embora atrasem um pouquinho, às vezes. Outro aviso importante é para que vocês não deixem de responder a 1ª

Pesquisa entre os Apreciadores, pelos motivos expostos na própria pesquisa. Contamos com sua colaboração.

E por fim, a melhor notícia. A próxima Into the Purple será realmente quente, trazendo uma cobertura completa da mais recente excursão do Purple pela Europa, relatada com exclusividade pelo auto-enviado especial Roberto Silva e Souza (Sim, o co-fundador da Sociedade!). O Roberto teve a bênção de assistir o Purple ao vivo e suas impressões serão passadas a vocês com fotos exclusivas. Prometemos diminuir ao máximo o intervalo entre esta e a próxima edição para inteirá-los de todos os detalhes.

Finalizando, gostaríamos de agradecer profundamente aqueles que nos incentivaram, apoiaram, criticaram, colaboraram e divulgaram a Sociedade este tempo todo em que ela está em atividade.

VALEU!

VALEU MESMO!



EXPEDIENTE

nº 4 — abril de 1987. Esta é uma publicação da: **Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple**
endereço para correspondência:
Caixa Postal 42386. Cep 04299. São Paulo - SP.

Responsável:

João "the Hootchie" Cucci Neto

Colaboração Especial e Especial:

Roberto Silva e Souza

Redação:

The Hootchie

Diagramação, Montagem e arte final:

Júlio Martins (Vitória - ES)

Composição:

Escrita/Traçolito - (Vitória - ES)

Revisão:

Marcelo Valle (Vitória - ES) & João "The Hootchie" Cucci Neto

Agradecimentos em Vitória

(ES):
PRISMA Propaganda
(pela cessão do Departamento de Arte)

Colaboradores:

Júlio Martins - De novo! — (criação e execução do logotipo da INTO e da nova Programação Visual da Revista):

Eugênio Santos Goulart, do depto. de arte da Prisma.

Rodrigo Rosas Fernandes (entre outras indispensáveis ajudas, a primeira audição do House of Blue light e a assessoria jurídica).

Paschoal Aita (partitura)

Simon Robinson (discografia)

Cássio Leite Vieira (análise Ian Paice)

Deborah Sztajnberg (dicas várias)

Antônio da Silva Filho (fotos e material)

Luiz Motta Gregório (tradução, yá!)

Alexandre Bittar (tradução, ouii!)

Agradecimentos:

Renato Costa (Polygram), Fernando K. Rogers (Rock's Rollos Discos) Marcelo Benítez, Marisa

(Somtrês), Míriam (desenho), Roberto Carmona (divulgação), Edenir & Zé Luiz (apoio aéreo!), Tigues (Chave do Sol), Fluminense FM, pela ampla divulgação (Valeu, mocada!), revista Bizz e Metal, pela divulgação (idem), Valdir Montanari, Leopoldo Rey, Vitor Bonesso, José Roberto Verta (RCA) e a todos aqueles que carinhosamente nos enviaram cartões de Natal. We wish you well.

Agradecimento especial:

Sérgio Martorelli

Agradecimento MUITO especial:

Chico Mouta, ambos pelo apoio incansável e amizade sincera. Fotos da capa e do Gillan na Pictures of home foram cortesia de Bill Taylor — Thanks for the pics, Bill! Or, in portuguese: Valeu! Datilografia e assessoria sentimental: Solange Rosa (the Gypsy).

Ainda devemos agradecer a Mitzi Dupree, pelo apoio espiritual, ao nosso patrono J. J. Jameson e a S.E. Palmeiras (Avante Palestra!) Moe, Larry e Curley não tiveram QUASE nada a ver com esta edição.

TOQUES

— Os amantes do Rock Progressista já tem sua Sociedade: é a S.O.S., que também edita um fanzine, o Lotus. Maiores informações, escrevam para: Av. Bernardino de Campos, 98 loja D - 1, São Paulo, SP. Cep. 04004, aos cuidados do Synérgico Valdir Montanari.

— Para quem gosta de Heavy Metal da nova geração — Fanzine Metal — Av. Pres. Castelo Branco, 538, Delmiro Gouveia, AL, Cep. 57480

— Atenção, Rockeiros! Finalmente uma FM que só toca Rock de primeira qualidade. É a única FM Pirata em verdadeiro estúdio de São Paulo: Rádio Ladrão do Mar — 101,7 Mhz. Sintomizem e vocês ouvirão os "louco-cores" Johnny Lights e Carl Darkmore detonando sons do Purple, Whitesnake, Rainbow...

O novo disco

Um novo disco do Deep Purple é sempre um grande acontecimento no meio musical em todo mundo. Para nós é algo muito importante, quase vital. Um novo LP significa uma opção a mais entre os discos e ouvir o melhor de uma música — o Rock. O Rock de se ligar o toca disco e ouvir o melhor de sua existência — o Rock. O Rock verdadeiro, feito por quem o tem no sangue, feito por quem fez dele sua própria razão de viver. Isto já aconteceu muitas vezes nesses últimos dezesseis anos e, para muitos, nem seria necessário ouvir The House of Blue Light para adorá-lo. A simples presença de Gillan, Blackmore, Lorde, Paice e Glover garante a qualidade das composições e das interpretações. E eles não decepcionaram ninguém, como sempre. Mas um disco do Deep Purple, mais um grande disco de Rock.

O LANÇAMENTO

A apresentação do novo LP à imprensa, aconteceu no dia 8 de dezembro. Uma coletiva foi organizada em Montreux, Suíça, nas mesmas margens do Lago Geneva onde ocorreu o famoso incêndio do Casino, descrito na letra do maior sucesso do Purple, Smoke on the Water.

Todos estavam lá. Muitos repórteres, Claude Nobs — organizador do festival de Jazz de Montreux e que teve grande participação nas providências que tornaram a gravação do Machine Head possível — e os integrantes do Purple. Todos os quatro. Quatro? Sim, adivinhem quem não foi? Blackmore, é claro, que preferiu ficar em Long Island, a ter que aturar as velhas perguntas de sempre dos repórteres. Com sua ausência, as atenções concentraram-se em Gillan, sempre falador e brincalhão. Paice apareceu de visual novo, finalmente sem aquelas horríveis costeletas e com um corte de cabelo que lhe deu uma aparência mais jovem.

No geral, a imprensa gostou do disco, a maioria achando-o melhor que o Perfect Strangers. Esse é o tipo de comparação que não leva a nada, tendo em vista que não existe um desnível suficiente entre os dois para que se generalize um julgamento puramente pessoal. O disco foi lançado mundialmente para o público no dia 12 de janeiro. No Brasil, deverá sair em abril. Se por um lado, o

fato de nosso país não ser considerado como "mundo" pelas gravadoras nos deixa raivosos, por outro existe aquela ilusão que culturalmente nosso atraso seria de uns poucos meses em relação ao chamado Primeiro Mundo. A escolha é sua. A primeira é a real, a segunda quem me contou foi Papai Noel...

Com este lançamento, ainda restam dois discos a serem gravados pelo Purple, conforme o contrato assinado com a Polygram em 84.

The House of Blue Light foi gravado em Vermont (EUA), no inverno (aquí), do ano passado. A exemplo de vários outros discos da banda, foi utilizada uma unidade móvel de gravação. O pessoal do Purple não gosta muito dos estúdios convencionais, utilizando-se constantemente de lugares afastados para gravar seus discos. Conforme declarou Paice, um estúdio só é realmente necessário na fase da mixagem, quando são exigidos vários recursos sofisticados. Desta forma, as matrizes foram mixadas no Union Studios, Alemanha e pela excelente qualidade de gravação deste novo disco pode-se concluir que a fórmula deu certo.

Provavelmente tentarão associar este disco a uma espécie de "volta as raízes", devido a pontos em comum existentes no novo LP com o In Rock. O título, por exemplo, foi extraído de uma frase da Speed King e também existe a Hard Lovin' Woman para fazer companhia ao Hard Lovin' Man, última faix

xa do In Rock. Na verdade, não existe muita relação entre esses dois discos. O título foi adotado em função que daria uma boa capa e Hard Lovin' Woman foi escolhida entre uma série de nomes que poderiam sugerir uma boa canção, separadas por Gillan e Glover. Portanto, a comparação não tem muito sentido, principalmente porque entre os 15 anos que separaram os dois discos, muita coisa mudou com relação à própria atitude dos músicos do Purple. Tanto tempo de estrada, deu muita experiência a todos. Agora eles se conhecem o suficiente para saber os limites, cada um conhece seu lugar. Já não são mais os rapazes impetuosos do início, onde cada pequena diferença pessoal era razão para intermináveis brigas. Esta é outra fase do Purple e é assim que ela deve ser encarada. "Voltar ao passado" não foi a intenção deste novo disco.

O NOVO LP

Bad Attitude inicia o disco, retomando a velha tradição das faixas de abertura arrasa-quarteirão do Purple, como Highway Star, Speed King e Burn. Blackmore aparece pela primeira vez utilizando um sintetizador de guitarra durante o solo. Já é um clássico.

A próxima é a surpreendente The Unwritten Law. A música é conduzida pela percussão de Paice nos ton-tons e surdos, sendo a marcação feita por palmas, em um arranjo inusitado em termos de Deep Purple. Um riff intrincado de Black

more e um grande refrão tornam esta faixa uma das melhores.

Call of the Wild é a música mais comercial do disco, um óbvio lançamento em compacto. A letra fala de uma misteriosa mulher, que não tem rosto, não tem nome e nem ao menos uma perna para ficar em pé(!). Deverá repetir o sucesso de Knocking at your Back Door.

A seguinte é Mad Dog. Esta é outra das melhores. Uma faixa como nos velhos tempos, onde o Purple mostra como se compor Heavy Metal sem sacrificar a melodia. Outro ótimo riff de Blackmore e Gillan cantando de maneira irretocável, demonstrando que seus problemas de garganta já passaram.

Black and White é a última do lado A. Traz de volta a gaita de Gillan, ausente desde Lazy. É uma leve cutucada de lan na imprensa escrita e nas pessoas que acreditam cegamente em tudo que sai nos jornais (o Preto & Branco do título). Mais uma vez fica registrado o desagrado do pessoal do Purple com a imprensa. Ao fim de uma das entrevistas da apresentação do disco, Gillan respondeu a um repórter sobre a ausência de Blackmore: "Sorte sua. Senão seriam cinco, ao invés de quatro para te sacanear".

Um Rock'n'Roll abre o lado B. É a já comentada Hard Lovin' Woman, onde percebe-se a voz de Gillan dobrada. Spanish Archer é um dos melhores momentos de Ritchie em todo o disco, com grandes solos. Gillan impecável novamente, em-



bora ele mesmo não tenha gostado muito de gravar esta música, segundo declarou. Na sequência, *Strange Ways*. Começa com belas harmonias vocais de Gillan, introduzindo um riff "egípcio", à la *Gates of Babylon*, do *Rainbow*. É a faixa mais trabalhada de todas, praticamente um exercício de estilo de Lord e Ritchie, que compõem com dois solos cada. A música segue em um clima meio místico e no solo central de Lord pode-se notar certos

sons latinos. Outra das melhores.

Mitzi Dupree, a penúltima faixa, merece um capítulo a parte.

MITZI DUPREE

As melhores criações às vezes são as mais simples. Em Mitzi Dupree não há, a rigor, nenhuma grande novidade em termos de som, mas constitui-se em um dos melhores momentos do disco, outro clássico instantâneo.

A estória é verdadeira. Aconteceu em uma viagem de Gillan quando estava no *Black Sabbath*. No avião ele conheceu Mitzi Dupree, a garota de nome estranho que se apresentou como a "Rainha do Ping-pong". Ela o convidou para assistir seu show. Ian lembrou-se então que já havia assistido um espetáculo do mesmo estilo em Bangkok e sabia que a única coisa relacionada com o ping-pong que ela usava eram as bolinhas. Este é um número apresentado em boates pouco recomendáveis, então tratem de usar a imaginação para entender o que a moça fazia com as bolinhas...

Mas, além da ótima letra, existe uma melodia envolvente, um blues em andamento rápido, colorido ao fundo com toques geniais de piano, como só Lord sabe fazer. Completando, um solo clássico de Blackmore. Maravilha.

E finalmente, *Dead or Alive*. O riff lembra *Spotlight Kid* e essa Gillan não queria incluir de jeito nenhum. Ele acabou concordando quando os outros consideraram que seria uma boa faixa para ser tocada nos shows.

E termina o disco. Só existe uma coisa melhor que ouvir um disco do Purple — ver o *Deep Purple*!

O NOVO SHOW

E não deu outra. *Dead or Alive* foi apresentada nos shows da nova turnê. Além dela, *Bad Attitude*, *Call of the Wild* e *The Unwritten Law*, do novo LP, ao lado de *Highway Star*, *Difficult to Cure*, *Child in Time*, *Perfect Strangers* e outras. Quem informa é o Roberto, que assistiu a apresentação do Purple em Paris, no dia 20 de fevereiro. Através de uma rápida conversa telefônica, feita logo após o show, ele revelou que duas coisas mais se destacaram. Gillan, com sua voz em plena carga e o tumulto final, onde houve um quebra quebra generalizado pela ausência do encoire. O público não se conformou ao ver que Blackmore e Paice foram os únicos que retornaram, deixando o palco logo em seguida, ao verem que os outros três ficaram nos camarins. As 7.000 pessoas ficaram furiosas e a segurança não conseguiu conter a multidão, que destruiu o que havia pela frente. Ainda não se sabe a razão do não retorno ao palco da banda. Mais detalhes deste e de outros shows, na próxima *Into the Purple*. Confirmam!

... E 16 anos depois!

AS DATAS DA TURNÊ EUROPEIA

27 e 29/01 — Budapest	17/02 — Munich
31/01 — Oldenburg	18/02 — Stuttgart
01/02 — Hannover	20/02 — Paris
03/02 — Berlin	21/02 — Brussels
04/02 — Dortmund	23/02 — Rotterdam
06/02 — Saarbrücken	25/02 — Malmö
08/02 — Colonia	27/02 — Stockholm
09/02 — Frankfurt	28/02 — Gothenburg
11/02 — Heidelberg	03 e 05/03 — London
13/02 — Milan	07 e 08/03 — Birmingham
14 e 15/02 — Zurich	

Após este último show, foi programado um mês de pausa, até o início da turnê americana. Em alguns dos shows, o *Bad Company* abriu a apresentação para o Purple.



O Purple, em fotos do LP in Rock...

Outlaw and Phil McIntyre present

DEEP PURPLE

plus support

WEMBLEY ARENA
Tue 3rd/Wed 4th
March 1987
Show starts 7.30 — tkts £9.50/£8.50

Tickets available for Wembley by post from P.O. Box 77, London SW6 6LT enclosing a cheque or postal order made payable to DEEP PURPLE Box Office for £10.00/£9.00 (includes 50p booking fee and a stamped addressed envelope. Please allow four weeks for delivery. Also available from Wembley Arena P.O. Box 1234, Glasgow G3 7SA 0032, P.O. Box 141 0065, Premier 240 0771, LTB 459 3371

N.E.C. BIRMINGHAM
Sat. 7th March 1987
Show starts 7.30 — tkts £8.50/£7.50

EXTRA DATE!
N.E.C. 8th March 1987

Tickets available for NEC by post from P.O. Box 77, London SW6 6LT enclosing a cheque or postal order made payable to DEEP PURPLE Box Office for £10.00/£9.00 (includes 50p booking fee and a stamped addressed envelope. Please allow four weeks for delivery. Also available from NEC Box Office (021 780 4133), Odeon Theatre Box Office, Cynobol Sounds, Lotus Records, Stafford, Mike Lloyd Music, Harewood and Newcastle Under Lyme, Piccadilly Records, Manchester, Way Ahead, Derby and Nottingham, Leeds Cavernish Travel, Lincoln Road Office, Souths, Wolverhampton

PURPLE INTERVIEW

Tony Vance: — Parece que vocês reapareceram na cena do Rock'n' Roll quando as coisas estão voltando a ser como eram antes. Quando o Rock era jovem, tinha força, tinha poder.

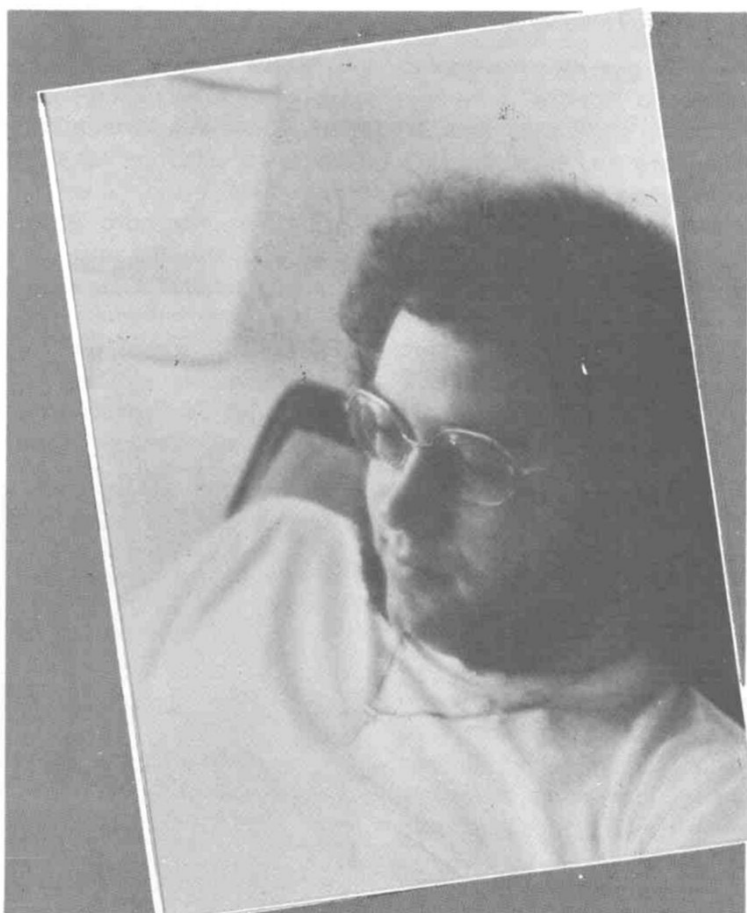
Ian Paice: — Eu acho que a situação que nós estamos vivendo nestes últimos dois anos é assim: tem muitas bandas aparecendo, tentando criar coisas que já foram criadas há uma década atrás e nem isso estão conseguindo fazer, a nível de Rock. A nível de música pop, nós não temos nada, a não ser um desfile de modas. Isto não tem nada a ver com música.

O que eu espero que nós possamos fazer é reinjetar um pouco de razão, de classe, dentro do Rock pesado. Eu acho que já é tempo de alguém chegar e dizer — "existe mais a fazer do que um grande barulho tocado a 300 milhas por hora, durante duas horas". Este é um aspecto importante, mas é tão somente um dos aspectos.

Se aquela coisa de fechar o ciclo é correta, as coisas devem passar pela gente e voltar. Como o final dos anos sessenta foram um mau período, parece que nós entraremos agora em uma boa fase. Rock'n' Roll pode ser divertido de novo. Isso parece estranho dito por um inglês ou um europeu, pois ultimamente tudo que é divertido está vindo da América e não era isso que nós pretendíamos.

TV: — Mas para continuar o entusiasmo, você precisa da contínua excitação da platéia.

Quando o Purple re-uniu-se em 84, o repórter da BBC Tony Vance realizou uma série de entrevistas com cada um dos integrantes da banda com Ian Paice que está transcrita abaixo na série e está incluída no "The Deep Purple Interview Album", Lp gravado pela Polygram em 85, não distribuído comercialmente. Na verdade, nossa intenção era publicar uma entrevista mais completa (concedida à Modern Drummer), mas, devido ao não recebimento do material, optamos pela que segue. Bem, antes que esta introdução fique maior que a própria entrevista, gostaríamos de agradecer a colaboração do Dr. Rodrigo — o Rábula — por esta tradução e demais participações.



IP: — Se existe um jogo, é este. Eu acredito no nosso trabalho porque tudo que fizemos no passado foi uma excitação com qualidade e é tudo que podemos fazer agora. Eu acredito que as coisas que eram importantes ainda o são agora.

TV: — Mas vocês podem atingir um número maior de pessoas agora, baseado nas experiências que vocês acumularam desde a época em que o Purple se separou. Isto porque a experiência que cada membro da banda teve foi fenomenal!

IP: — Sim, mas nenhuma das experiências anteriores foram do mesmo nível alcançado pelo Purple. Tudo que podemos fazer é o que fizemos naquela época e entender que estamos nos anos oitenta, não nos setenta, quero dizer, não que nós deveríamos tocar diferente. Nós devemos saber que as necessidades atualmente são outras. Eu não acredito que a gente devesse executar solos de bateria de vinte minutos, nem deixar o guitarrista no palco por meia hora. Talvez a gente até devesse. Justamente por não poder, nós poderíamos fazê-lo. Uma vez que ninguém está fazendo, nós poderíamos voltar, fazer e dizer: — "Podemos fazer o que bem entendemos. E é problema seu se você gosta ou não". Mas tudo isso já foi feito e por isso nós acabamos quebrando. Não devemos repetir 1972 ou 1973. Seria um crime.

TV: — Mas vão pedir músicas de 1973...

IP: — E vão receber. Nos ensaios nós tocamos algumas delas de novo e foi muito divertido. Tem muita música de boa qualidade nas que fizemos. Muita coisa não aparece no disco. Quero dizer, tocasas no disco não aparecem tanto, mas aos vivo, no palco, são brilhantes. São muito melhores para serem tocasas ao vivo. Mesmo para nós mesmos. Quando você as toca em frente a uma grande audiência, especialmente se ela for enorme, elas parecem ainda melhores. 

A N A L I S E T E C N I C A I ☆ A ☆ N ☆ P ☆ A ☆ I ☆ C ☆ E

Ainda me lembro da noite quando pela primeira vez eu escutei, no toca-fita de um carro de um colega, um solo de bateria como nunca tinha ouvido antes. Eu, nessa época, iniciava minha carreira como baterista com o pessoal que mais tarde daria origem ao grupo Anthro. Logo quis saber quem era esse instrumentista que fazia coisas fantásticas com as baquetas. O baterista era Ian Paice, o qual eu já conhecia dos discos do Deep Purple; e a música era a "nunca ouvida antes" The Mule do Lp Made in Japan. A partir daí nunca mais deixei de tê-lo como o maior batera que já existiu no Rock.

Ian Paice, foi, ou melhor, é para mim o maior professor e inspirador. Foi meu grande "mestre" durante o tempo em que toquei e estudei bateria. Às vezes, permanecia horas e horas com o ouvido próximo às caixas acústicas na tentativa de compreender a complicada mecânica de seus ritmos. Confesso: muitas vezes, ao escutar Paice no Purple, eu ficava completamente arrepiado e bem no cantinho dos olhos as lágrimas apareciam. Como diz um amigo meu: "Tudo que vem da alma eletriza o corpo". Ian Paice sempre tocou com a alma.

Bem, mas vamos deixar de lado os sentimentalismos e vamos partir para o que interessa. Eu prometi escrever um artigo analisando tecnicamente o "nosso herói". Para a coisa se tornar mais simples, vamos dividi-la em duas partes. A primeira diz respeito ao instrumento, e a segunda analisaremos a técnica propriamente dita.

Ao saber que nesta edição seria publicada uma entrevista com seu ídolo Ian Paice, o Cássio ofereceu-se para escrever uma análise da técnica e do instrumento do baterista. Sendo ele músico e também jornalista, não se pensou duas vezes. Acertamos o pagamento (aquilo que a Sociedade pode pagar, ou seja, nenhum cruzado por lauda) e ele ficou encarregado da delicada tarefa de analisar o complexo estilo da fera, no que se deu muito bem, como vocês podem conferir (Valeu, meu, tudo pela nobre causa!).

A SIMPLICIDADE DO INSTRUMENTO

O que mais me impressionava no "mestre" era a simplicidade, ou melhor dizendo, o tamanho e a reduzida quantidade de peças de sua bateria. Mais simples impossível. Era tipicamente uma bateria de jazz, da qual saía o melhor som de Rock. Um bumbo, apenas um tom-tom e dois surdos — esta é talvez uma de suas características — para suprir a falta de tambores graves.

Seus pratos também em número reduzido e diâmetro grande sempre apareciam na posição horizontal para que se obtivesse um maior volume em apresentações ao vivo ou mesmo em estúdio. Ian usava em um mesmo pedestal um prato de condução, "ride", em uma posição mais baixa e um "crash" logo acima. Além desses dois pratos — o "ride" com 22" e o "crash" com 20" — ele utilizava sempre mais dois "crashes" de 16" ou 18". Um deles próximo ao tom-tom e o outro para finalizar as passagens do 2º surdo de chão.

Praticamente por toda sua carreira, Paice utilizou baterias Ludwig com pratos Zildjian. Nelas, e em todos os tambores incluindo o bumbo, aparecia a pele de ressonância — conhecida popularmente por

resposta. Somente a partir do Made in Europe é que Ian Paice aparece tocando sem essas peles de ressonância. Ai, já é possível notar um timbre diferente, mais estalados nos tambores.

Com esse novo instrumento ele conseguiu uma série de novos timbres a partir do uso de 4 tom-tons em seu módulo. Os dois surdos de chão continuavam, mas também sem as respostas. Seus pratos agora são da marca Paiste que apre-

sentam tonalidade mais aguda tanto na condução quanto na acentuação. Um bumbo mais estalado e uma caixa mais agura seguiam o conjunto.

No seu penúltimo Lp, Perfect Strangers, sua bateria muda novamente. Só que dessa vez mudou de marca. Ian muda para um modelo da Pearl com 4 tom-tons e 2 surdos. Seus pratos continuam sendo Paiste. Os tom-tons desta vez com diâmetros bem maiores que os usados no Made in Europe, dão uma tonalidade mais grave e mais pesada. A caixa de Ian na gravação de Perfect Strangers tem um destaque todo especial em relação às outras peças, seguindo uma tendência moderna de gravação de baterias em estúdio.

Ian parece ter apreciado o timbre estalado dos tambores sem a pele de resposta. Na Pearl, os 2 tom-tons de



Paice e sua bateria no Made in Japan...



... Na época do Made in Europe (75)...

maior diâmetro aparecem em pedestal isolado acima dos surdos de chão. Seu prato de condução, o "ride", surge agora sozinho no pedestal do seu lado esquerdo com mais inclinação e mais alto. Também uma série de outros pratos "crash" em maior quantidade que nos instrumentos anteriores.

Basicamente este foi o "kit" utilizado por Paice desde os primeiros tempos do Deep Purple até a sua recente volta ao cenário musical. Mesmo apesar da evolução natural, ele sempre se primou por "Kits" de poucas peças, mas de diâmetro grande, aliados a um pequeno número de pratos. Mas sua incomparável técnica sempre foi inversamente proporcional ao tamanho de suas baterias. Ian com esses poucos recursos conseguia ritmos e timbres originais e sempre com o "swing" de um jazzista de primeira qualidade. (Ouça Lazy)

A TÉCNICA, OS RITMOS E OS SOLOS

Como é do conhecimento de todo Purplemaníaco, Ian é um dos poucos bateristas canhotos do cenário do Rock. Ele executa o hard-rock usando de todos os recursos possíveis. Em suas batidas aparecem

"paradiddles", "flams", "rim shotes", e mais um sem número de técnicas de percussão. Ian sabia aplicar todas essas técnicas sem ser "lugar comum".

Pois bem, Paice é um grande solista. Não se contenta em simplesmente acompanhar. Com ele a bateria também é destaque. Ele muitas vezes aparece solando em cima dos outros instrumentos. Suas marcações nunca são repetitivas. Há sempre uma variação de caixa e bumbo criando contratempos fantásticos. Ian como um bom músico que é por formação, sempre está a improvisar. Difícilmente encontramos um mesmo arranjo em uma versão de estúdio e uma versão ao vivo. Ou melhor, Ian ao vivo é um verdadeiro demônio. Improvisava tanto quanto o restante do Deep Purple.

A caixa, ao meu ver, é a peça que dá um colorido todo especial ao "swing" Paiceano — posso me referir dessa maneira porque acho que, como outros grandes da bateria, Paice é formador de uma escola de instrumentistas. A caixa é o fator principal de seus contratempos e seus perfeitos rufos. Sua técnica e habilidade podem ser observadas quando utiliza saídas de caixa com alternância de

mão direita e esquerda para o tom-tom e para o surdo de chão. Sua rapidez é tanta que continuamos a ouvir o rufar da caixa sem perceber as interrupções para as batidas nos tambores graves.

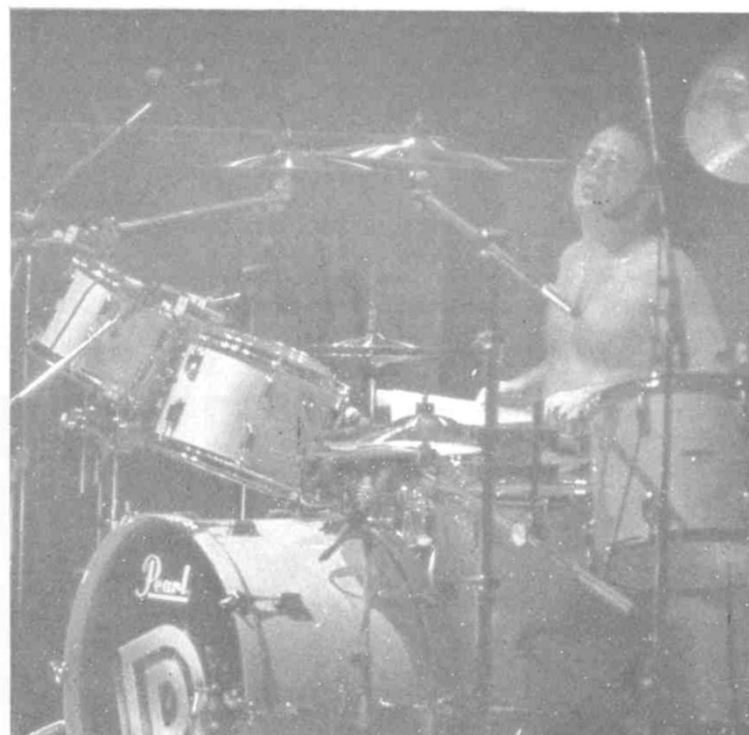
Ian Paice não é baterista que apenas se contenta com ritmos simples. Arruma sempre um jeitinho para encaixar uns desenhos com a caixa, chimbau e o bumbo. Gosta de colocar entre os tempos fortes da caixa alguns não acentuados. Seu bumbo adora dar uma "dobrada" para preparar a batida na caixa ou uma acentuação em "rim shot" com o "crash". Paice em compasso 4/4 dificilmente conduz a mão direita em semi-colcheia, optando preferencialmente pelas "levadas" em colcheia. Contrapondo-se a isso, suas passagens são na maioria das vezes feitas em semi-colcheias ou em fusas com extrema rapidez. Utiliza-se ainda de quáteras que, pela extrema rapidez, acabam se tornando "flams" rapidíssimos. (Ouça a entrada de Pictures at Home)

Seus solos causam prazer para os mais refinados ouvintes. Basicamente são feitos em cima de rufos de caixa com muita destreza. Ian usa as saí-

das alternadas, logo após um longo solo de caixa com variação na acentuação das batidas. Normalmente ele acrescenta um pequeno exemplo da velocidade de pedal de seu bumbo, acabando o solo com o "êxtase" de suas sextinas em velocidade "orgasmante".

Na minha opinião, o solo mais perfeito tanto esteticamente quanto tecnicamente é no disco de Jon Lord, Gemini Suite. É simplesmente impressionante. Durante o rufo na caixa os pratos permanecem vibrando. Só Deus e ele sabem como isso acontece.

Certa vez li(?) uma reportagem onde Ritchie Blackmore pedia para Ian Paice fazer batidas mais simples em determinada música. Isso seria a mesma coisa que solicitar a Van Gogh que pintasse para folhinhas de calendários; que Joyce, Kafka ou Hesse escrevessem para as Seleções ou mesmo que Ritchie Blackmore fizesse apenas base em Highway Star ou Child in Time. Para esse grande mestre dos tambores e dos bronzes fica aqui o desejo de uma carreira bem longa e cada vez mais frutífera.

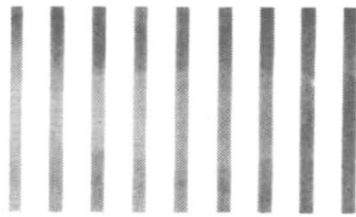


... E a atual, marca Pearl.

HISTÓRIA DO PURPLE ART

Evidentemente que, mesmo com a tentativa de se criar um suspense em torno do nome do guitarrista que iria ser convidado a tocar com Lord e Simper, relatado no nosso número anterior, ninguém ficou

com muitas dúvidas: — Ritchie Blackmore, é claro. Prosseguimos então, com a sequência da História (oficial e verdadeira!) do Purple, focalizando agora a vida e a carreira do genial/genioso guitarrista:



xistem milhares de

guitarristas de rock no mundo inteiro. O que seria necessário para que algum deles se destacasse dos demais e se tornasse uma lenda viva? Uma grande técnica com o instrumento é um requisito essencial, sem dúvida. A capacidade de compor e solar criativamente, também. Uma presença no palco imponente, segura, vibrante, espetacular deve, igualmente, figurar na relação. Some a tudo isso um comportamento esquivo, insociável, controversista e você terá o perfil de Richard Harold Blackmore. Ritchie, como ficou conhecido, nasceu em Weston — Super — Mare, uma pequena localidade às margens do Canal de Bristol, em 14 de abril de 1945.

Quando tinha dois anos, sua família mudou-se para Heston, um subúrbio londrino. A iniciação musical de Ritchie deu-se aos 11 anos, quando comprou uma guitarra acústica Framus, de segunda mão e foi tomar lições de violão clássico. Segundo suas próprias palavras, esse aprendizado foi fundamental para sua carreira, pois evitou vícios muito comuns que se adquirem quando se aprende sozinho. Usar todos os dedos da mão esquerda foi um dos fundamentos absorvidos naquelas aulas. Após um ano com lições de música clássica, Ritchie mudou de mestre, começando a ser instruído por Big Jim Sullivan, um excelente guitarrista, músico de estúdio que iniciou seu pupilo nas técnicas do

Rock'n'roll (veja também a entrevista de Blackmore publicada na Into The Purple nº 3). Big Jim foi uma pessoa muito importante para a sua carreira, sendo um dos poucos guitarristas a quem Ritchie respeita. Existe um disco onde Blackmore, Big Jim e Albert Lee — outro que tem seu nome na curta relação dos "guitarristas respeitados por Ritchie" — podem ser ouvidos juntos. Trata-se do LP Green Bullfrog, gravado em uma espécie de "celebração ao rock'n'roll" e que permaneceu desconhecido por muitos anos (aguarde no próximo número, relato completo sobre este disco na seção "Peças de Coleção"). Esta mudança da música clássica para o Rock'n'Roll aos 12 anos de idade, acabou enraizando em Ritchie uma dupla obsessão a este dois gêneros musicais, o que influenciou fortemente seu estilo daí em diante.

A primeira banda em que Ritchie participou foi o Junior Skiffle Group, que se apresentava no café 21. Ritchie, então com 16 anos, circulava entre os grandes nomes do Rock'n'Roll inglês. O próprio Jim Sullivan frequentava o 21. Esse café da

rua Old Compton acabou tornando-se um verdadeiro santuário, onde se cultuava o legítimo Rock'n'Roll e não o produto açucarado com que a América pós-Elvis / pré-Beatles despejava pelo mundo todo.

Depois do grupo de Skiffle do 21 (o skiffle era uma espécie de Rock rudimentar, tocado com instrumentos rústicos como táboa de lavar roupa e baixo feito com caixa de chá), Ritchie tocou com um grupo chamado The Delfonics. Nesta época, seu instrumento era uma Hofner Club 50, no lugar da velha Framus.

Após o Delfonics, Ritchie fez parte do Dominators, cujo baterista era Mick Underwood. Mick foi uma figura importante na história do Purple, como veremos futuramente. A próxima banda de Ritchie foi o Twickenham, entrando depois na banda de David Sutch, ou melhor, "Screamin' Lord Sutch". A banda que acompanhava Sutch era o Savages, encarregada de dar apoio musical às excentricidades de seu líder. Sutch era uma figura singular no meio rockeiro inglês da época e pelos Savages desfilaram nomes co-

mo Carlo Little, Chas Hodges, Nick Simper, Nicky Hopkins, Matthew Fischer e dois garotos de algum futuro, Jimmy Page e Jeff Beck.

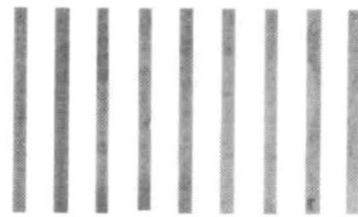
Enquanto Ritchie tocava com estas bandas nas noites londrinas, ele mantinha um emprego como técnico de rádio no Aeroporto de Heathrow, na capital inglesa. Esse emprego durou de 61 a 63 e obrigava Ritchie a voar constantemente, muitas vezes depois de uma noite tocando direto, ocasiões em que ele sequer dormia. Muitos atribuem a esses anos amargos em Heathrow, o comportamento irreverente de Blackmore nos vôos e a sua aversão a aeroportos nos últimos tempos.

Mas, como saldo positivo deste emprego, restou a aquisição de sua primeira guitarra de qualidade, realmente profissional — a famosa Gibson 335 vermelha, igual a de Chuck Berry e que Blackmore usou até os primeiros anos do Purple. Naquela época, Ritchie dedicava-se totalmente à guitarra, copiando todos os sons que ouvia, do skiffle ao jazz, treinando perto de seis horas por dia e desenvolvendo um virtuosismo que até Jim Sullivan admirava.

Esse virtuosismo fazia com que as pessoas viessem de longe para ver aquele jovem guitarrista executar seus solos nos shows do Savages. Com muita justiça, Lord Sutch se auto-denomina "descobridor" de Ritchie Blackmore. O próprio Ritchie reconhece que deve a Sutch o desenvolvimento de seu comportamento no palco. Aliás, Ritchie foi forçado a adotar esse comportamento, porque os Savages eram um



Blackmore (segurando a guitarra), com os Outlaws. À direita dele, Mick Underwood.



bando de músicos com idéias realmente diferentes das outras bandas daquele tempo. Para se ter uma idéia, quando chegava a hora de começar o show, os comandados de Sutch vinham correndo do fundo do teatro, gritando feito Tarzan, vestindo peles de leopardo e abrindo caminho entre a audiência até atingir o palco. Isso, em mea-

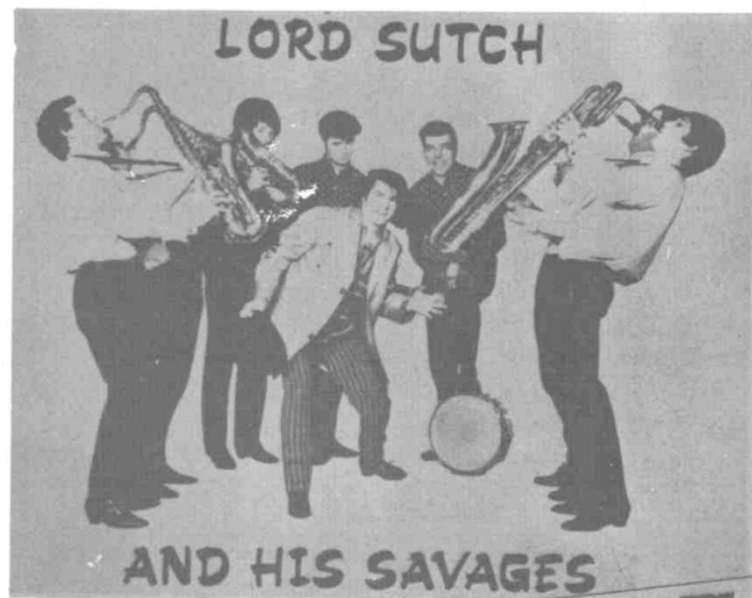
tocar a guitarra... qualquer um que olhasse pensava que éramos uma merda, imprestáveis, mas aí no show nós os esmagávamos...”, segundo palavras de Sutch. Outra coisa que os bonzinhos rapazes do Savages adoravam fazer era atirar sacos de farinha nas pessoas, principalmente nas filas dos pontos de ônibus. Segundo Sutch, Ritchie

Ritchie foi acompanhado por Chas Hodges (baixo). Nicky Hopkins (piano), Mick Underwood (bateria) e Harvey Vincent (guitarra base). O compacto não vendeu nada, mas Little Brown Jug foi por muito tempo citada como uma das canções preferidas de Blackmore, ao lado de Greensleeves e Still I'm sad, dos Yardbirds. Estas duas estão presentes em trabalhos relativamente recentes de Blackmore. Still I'm sad foi gravada instrumentalmente no disco Ritchie Blackmore's Rainbow e apresentada com letra nos shows (confira no On Stage, do Rainbow, versão importada — a ridícula versão nacional não trouxe esta faixa!). O riff da You fool no one (LP Burn, do Purple) foi claramente inspirado nesta música. A tradicional canção folclórica Greensleeves também aparece no primeiro disco solo de Ritchie, como inspiração para a canção Sixteenth Century Greensleeves.

mente sufocadas pelas armadilhas da indústria cultural logo que surgem.

Viagens para Hamburgo eram uma constante, tanto para os Savages, como para o Crusaders. Em duas destas viagens, Ritchie tentou formar seu próprio trio. O primeiro deles foi o Three Musketeers, com Andy Wegg e Jim Evans, que desfez-se após a primeira desastrosa apresentação, em janeiro de 66. A segunda oportunidade foi com Nick Simper (como vimos no número anterior), que igualmente não deu certo. Depois de alguns meses, Ritchie estabeleceu-se na cidade alemã, construindo uma casa e casando-se com uma alemã chamada Babs. Dizem que deste casamento surgiu Joachim Blackmore, hoje guitarrista como o pai, atuando em uma banda de Heavy Metal. Mas isto ainda carece de uma confirmação. Em Hamburgo, Ritchie fez alguns trabalhos de estúdio para a Polydor, formando em setembro de 67 a banda Mandrake Root, com Matt Smith ao vocal e piano, Ricky Munro na bateria e Kurt Ville no baixo. Não há evidência que eles tenham gravado ou se apresentado em público, no entanto.

Pelos próximos seis meses, tudo que Ritchie fez foi viver do salário-desemprego (na Ale-



Os Savages. Ritchie é o do meio, atrás de Sutch.

dos da década de sessenta, era realmente chocante. O repertório consistia de um misto de canções de Sutch e velhos Rocks americanos. Ritchie participou da gravação de Train keep a rollin', que Sutch gravou para a CBS e que acabou inspirando os Yardbirds a incluírem-na em seu repertório, tornando-a depois uma das marcas registradas desta legendaria banda, que trouxe ao estrelato Beck, Page, Eric Clapton e Keith Relf.

O jovem Ritchie sabia aproveitar as facilidades que o show-biss proporcionava, principalmente com as mulheres. Ele e seu companheiro Tony Dangerfield revezavam-se no uso do sofá que havia no fundo do vagão no qual os Savages viajavam. Ritchie e Tony competiam, apostando quem levava a garota mais bonita para o sofá e, para variar, apostavam às vezes quem levava a mais feia! O repertório de brincadeiras dos alegres Savages incluía a troca de instrumentos na hora da checagem do som, para confundir as outras bandas presentes no show. "Ritchie tocava piano ou bateria, Nicky tentava

uma excelente pontaria, desferindo as "bombas" de dentro do carro dos Savages (um carro funerário adaptado), provocando reações nada amistosas dos atingidos. "Era mais divertido ainda em dias de chuva", nas palavras de Sutch.

A carreira de Ritchie com os Savages foi entremeada com participações em outras bandas, como o Crusaders, de Neil Christian, os Outlaws e Heinz and the Wild Boys. Com o Outlaws (onde tocaram Chas Hodges e Mick Underwood), Ritchie abriu shows para os lendários Gene Vincent e Jerry Lee Lewis nas turnês pela Inglaterra. Com o Heinz, Ritchie chegou a gravar, sendo responsável pela introdução distorcida do sucesso "Just like Eddie". Estas escapulidas de Ritchie tinham o apoio de Sutch, que preferia não prender o guitarrista para não o perder.

Em março de 65, Ritchie gravou um compacto para o selo Oriole, sob o nome "The Ritchie Blackmore Orchestra". Nas duas faixas instrumentais Getaway / Little Brown Jug,

Por quase seis anos, Ritchie conviveu com uma espécie de irmandade de músicos que defendiam o puro Rock'n'Roll a todo custo. Muitos de seus companheiros também tornaram-se famosos no futuro, como Page, Hopkins e Albert Lee. Todos tinham o mesmo comportamento: selvagens, agressivos e foras-da-lei. Os nomes das bandas eram o reflexo



Vejam só os três mosqueteiros! Ritchie (no meio) deve odiar este foto...

direto da atitude destes músicos, que repudiavam a aparência bem comportada e engomadinha dos astros pop da época. Infelizmente, hoje em dia não existe mais rebeldia. As poucas tentativas de recuperação das raízes do Rock são rápida-

manha isso é possível, acreditem!), até receber o telegrama convidando-o a retornar a Londres para integrar uma nova banda, que mais tarde se tornaria o ... er ... putz, esqueci o nome!.. Ah, sim, Deep Purple!

LONG LIVE ROCK'N' ROLL - (Blackmore - Dio)

TENDE NADA DO QUE ESTÁ TRANSCrito NESTES PENTAGRAMAS ABAIXO, JÁ PENSOU QUE MARAVILHA SERIA, LER E PODER REPRODUZIR A ARTE DE BLACKMORE? CORRA, DEVE EXISTIR UM CONSERVATÓRIO PERTO DE SUA CASA.

[illegible]

T U R A I S

First system of the musical score. It includes a vocal line with lyrics and a guitar line with chords (Gm, C, F, Bb) and fingerings. The tempo is marked 'moderate'.

Second system of the musical score, continuing the vocal and guitar parts. It includes lyrics and guitar chords (F, Bb, C, Gm).

Third system of the musical score. It includes lyrics and guitar chords (C, F, Bb, Gm). The tempo is marked 'moderate'.

Fourth system of the musical score. It includes lyrics and guitar chords (Gm, C, F, Bb, C#D). The tempo is marked 'moderate'.

Fifth system of the musical score. It includes lyrics and guitar chords (Gm, C, F, Bb, C#D). The tempo is marked 'moderate'.

Sixth system of the musical score. It includes lyrics and guitar chords (C, Gm, F, Bb). The tempo is marked 'moderate'.

Seventh system of the musical score. It includes lyrics and guitar chords (Gm, C, F, Bb, C#D). The tempo is marked 'moderate'.

Eighth system of the musical score. It includes lyrics and guitar chords (Gm, C, F, Bb, C#D). The tempo is marked 'moderate'.

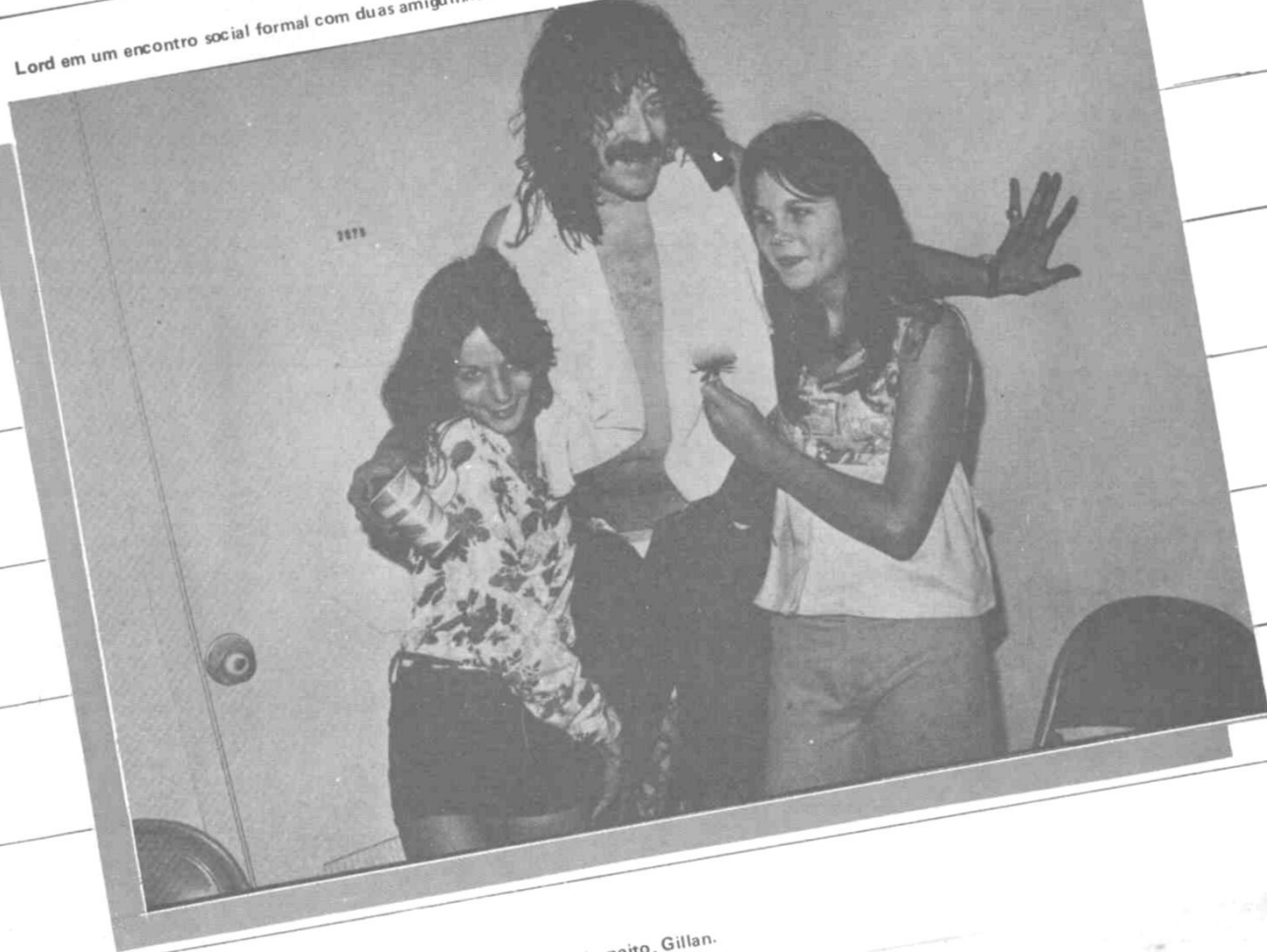
Ninth system of the musical score. It includes lyrics and guitar chords (Gm, C, F, Bb, C#D). The tempo is marked 'moderate'.

Coverdale prestes a travar um acordo de cooperação cultural com as tímidas japonesas.

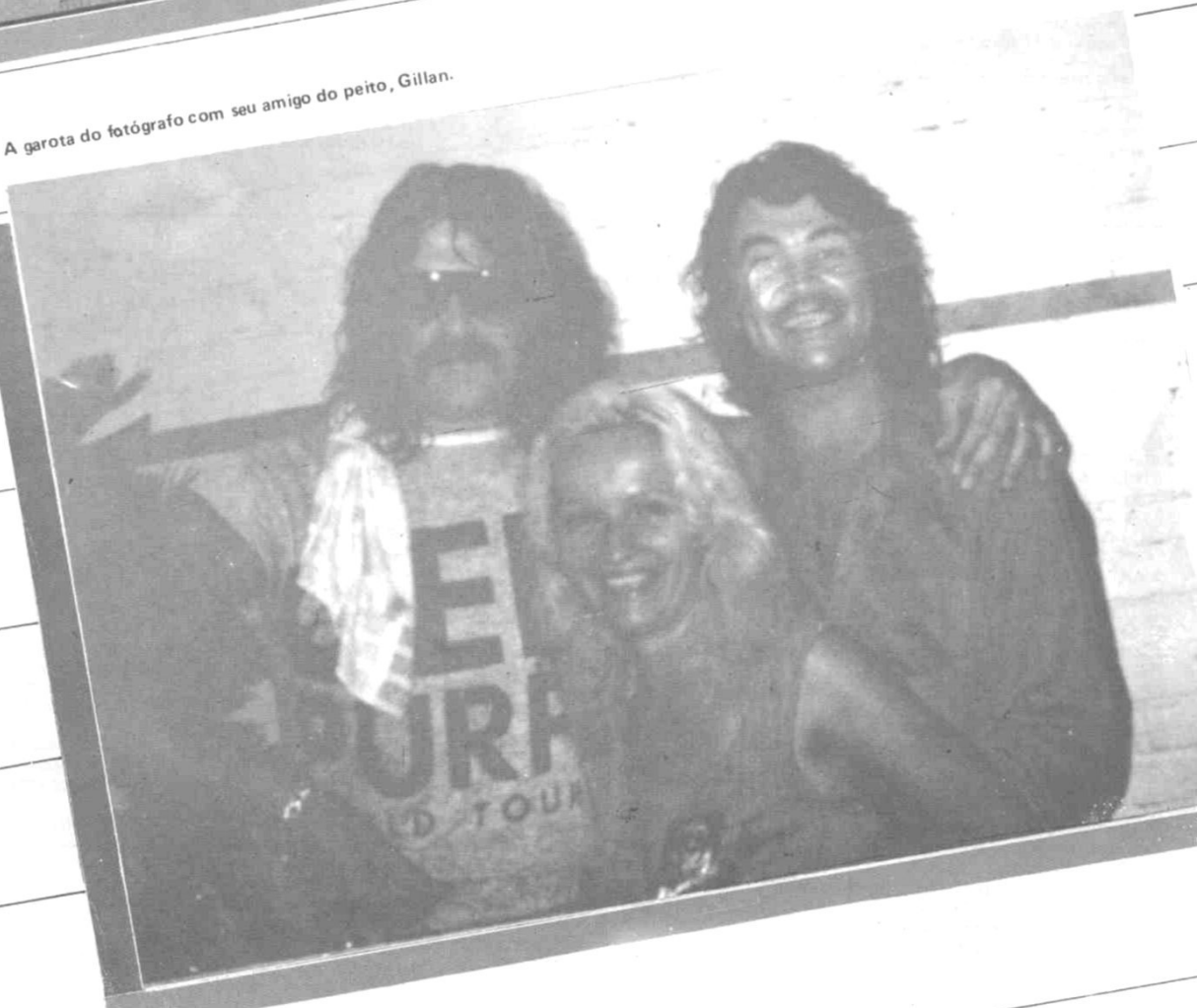


“Di
lau
for
an

Lord em um encontro social formal com duas amiguinhas.



A garota do fotógrafo com seu amigo do peito, Gillan.



ferent girls,
ghing girls.
ever girls,
d it's so loud'

Garotas diferentes,
garotas risonhas,
garotas para sempre,
tudo tão alto...

HUNGRY DAZE/
Perfect Strangers)



FIREBALL
★ Deep Purple ★

cês. Quais vocês querem ver aqui? Northwinds, Long Live Rock'n Roll... Estamos aguardando os pedidos. Aproveitamos para fazer um apelo aos Apreciadores. Caso alguém possua as letras dos três primeiros LP's do Deep Purple, envie-nos, para que possamos publicá-las aqui, OK?

Machine Head

Lazy you just stay in bed
Lazy you just stay in bed
You don't want no money
You don't want no bread

A reação positiva à nossa posição contrária às traduções de letras, foi uma das agradáveis surpresas que tivemos com o número anterior. A grande maioria concordou com o que foi exposto, motivando a permanência da nossa proposta inicial, afinal pelo menos na Sociedade, existe democracia.

Prosseguindo com as traduções, trazemos desta vez os textos do "The Book of Taliesyn" e do "Concerto for Group

LIBADNCOLES TRADUÇÕES LIBADNCOLES

and Orchestra". O primeiro refere-se a pequena nota da contracapa da edição americana (diferente da versão brasileira, que não traz esta nota) e a segunda, apresenta a descrição da obra pelo autor, Jon Lord. Procuramos assim, manter a sequência dos lançamentos dos discos do Purple. Mas, esse é um critério que pode ser modificado de acordo com preferência dos Apreciadores. Envie a sua sugestão.

The Book of Taliesyn

Taliesyn: Bardo da fabulosa corte do Rei Arthur na linda Camelot. Como tal, ele era responsável por proporcionar todo o entretenimento e acabar com o mau-humor da corte. The Book of Taliesyn é uma representação de sete sentimentos diferentes com Ritchie,

Rod, Ian, Nicky e Jon organizando os ânimos sobre a direção espiritual de Taliesyn. The Book não é um fim em si mesmo, mas somente outro elo na corrente da progressão musical que vem se desenvolvendo como Deep Purple. **P**

Concert for Group and Orchestra

1º MOVIMENTO: Aqui foi tratado de apresentar orquestra e grupo como vocês esperam escutá-los; como antagonistas. O movimento começa com uma longa introdução orquestral construída ao redor da melodia de abertura, executada pelo clarinete e segue-se as 5 notas tremulantes. Isto surge dentro de uma melodia ligeiramente grotesca, que começa por conduzir a orquestra levando-a a uma violenta erupção do grupo, que então realiza sua própria interpretação das melodias do clarinete. A orquestra interrompe, retomando o controle e celebra sua conquista com uma profunda melodia sobre os cornes franceses, a qual por sua vez é tomada por outros instrumentos antes de ser executada uma vez mais pelo grupo. Outra interrupção orquestral nos conduz a uma cadência de guitarra. Os temas da introdução aparecem e harmonizam em um breve solo de clarinete. Uma mudança de tem-

pos e uma selvagem competição entre o grupo e a orquestra, nos conduzem até o final do movimento.

2º MOVIMENTO: Este movimento está principalmente constituído sobre dois temas, o primeiro é executado pelo corne inglês, o segundo o segue bem de perto, pelas flautas. Ambas as melodias estão tratadas em diferentes formas pela banda e pela orquestra; separadas e juntas. A melodia da flauta é finalmente transformada em explosão de "pop blues", seguidas pela cadência do órgão. Um quarteto de cordas, usando as melodias do corne inglês traz a orquestra a um final calmo.

3º MOVIMENTO: Cinco fortes acordes dos bronzes, nos conduzem ao ritmo básico de seis por oito, que predomina no movimento. Uma breve passagem de percussão introduz a bateria e o contrabaixo e assim

a todo o grupo, depois disso as duas forças se combinam em uma espécie de liberdade rítmica total. Uma sequência de clímax levam à cadência da bateria, a seção percussiva da orquestra se une e volta ao ritmo de seis por oito, o qual é quase de imediato trocado pelos dois por quatro. Dois "falsos" clímax elaboram um "crescendo" com toda a orquestra, seguida pelo trêmulo das cordas, sobre a qual o grupo chega a uma explosão final das oito trompetas e os últimos acordes restantes.

A realização pela qual uma ambição pode transformar-se em realidade. Foi para mim igualmente excitante como aterrizante. Havia tido há longo tempo a idéia de escrever um concerto para grupo e orquestra, mas provavelmente não teria feito se nesse momento não houvesse contado com a ajuda de Ritchie, Ian e Roger. Meu reconhecimento é também para Anthony Edwards e John Colletta quem, entre mil coisas

mais, conseguiram o Albert Hall. Simplesmente dizer obrigado a Malcolm Arnold pelo que fez seria deixar de lado milhões de coisas mais. Mas, não tendo palavras melhores, "obrigado Malcolm", o "obrigado a Judith que foi muito paciente".

Finalmente, umas poucas observações sobre a reação da crítica a este Concerto. Ela foi variada, mas felizmente orientada num sentido favorável. Eu estou certo que os críticos são geralmente sinceros naquilo que fazem — estou certo que os críticos são uma necessidade, ainda que levemente arcaica, um apêndice para o show business. O que me confunde é que uma noite que tencionava ser, e em realidade foi, divertida (como testemunhou um enorme e glorioso auditório) foi tratada por alguns críticos com seriedade em suas faces. Bem, aqueles e vocês que o desfrutaram, "Deus o abençoe", e os que não, "Deus os abençoe também!" Isto é só um comeco





PEÇAS DE COLEÇÃO

Last Concert in Japan



"Are you ready for some Rock'n' Roll?". São com essas palavras de Coverdale que começou a apresentação do Deep Purple em 15 de Dezembro de 1975, no Budokan, de Tokyo, ocasião em que foi gravado o LP *Last Concert in Japan*. O disco, lançado em março de 1977 no Japão, é o último registro oficial gravado da formação conhecida como Mark IV ou Mk IV (Bolin, Coverdale, Hughes, Lord, Paice) até o momento, embora o Purple ainda tenha feito quase 40 shows após este, antes da separação, em 76.

O álbum reflete bem o clima em que vivia a banda na época. Havia um baixo astral geral entre os integrantes do Purple, provocados pelos acontecimentos desagradáveis ocorridos na excursão anterior, na Indonésia, onde Patsy Collins, um dos guarda-costas, morreu em condições estranhas. Além desse lamentável fato, contribuíram para abater os ânimos, o péssimo tratamento da polícia local dado a banda com respeito às apurações do falecimento e ao aparecimento das maiores evidências dos problemas de Bolin com as drogas. Tommy Bolin era viciado em heroína, — fato que os empresários e os seus companheiros de Purple perceberam tarde demais — e, em Jakarta (capital da Indonésia), Tommy, não conseguindo nenhum fornecedor, injetou-se com droga de baixa qualidade. Isso afetou muito seu estado de saúde, prejudicando sua coordenação motora. O que ouvimos em *Last Concert in Japan*, comprova isso.

A primeira faixa, *Burn*, começa só com o teclado de Lord executando o riff inicial. Nota-se um esforço de todos em preencher os vazios deixados pela guitarra, que aparece com uns acordes tímidos, sem o peso que a música necessita. A grande forma de Coverdale, Hughes, Paice e Lord até que consegue compensar este fato de forma satisfatória. Bolin criou para *Burn* um novo solo, muito bonito, mas que ele executou melhor em

outras ocasiões, como na versão do pirata *On the Wings of Russian Foxbat*, por exemplo.

A segunda faixa é *Love Child*, uma das melhores canções deixadas por Bolin no Purple e também uma das melhores deste disco. Participação impecável de Paice e um belo solo de Lord no sintetizador. Fechando o lado A temos uma versão semelhante a de estúdio de *You Keep on Moving* e na sequência, *Wild Dogs*.

Esta última é uma canção do primeiro disco solo de Bolin, *Teaser*, que continua ainda *Marching Powder* e *Homeward Strut*. Estas três foram incorporadas ao repertório dos shows, um fato raro, já que o Purple dificilmente executava canções de outros ao vivo. *Wild Dogs* é um ponto alto do show, interpretada por Bolin, que é anunciado por Coverdale: "Pela primeira vez no Japão, Tommy Bolin vai cantar para vocês!". O background de Hughes acrescenta um ar dramático ao refrão e desta vez, Bolin executa um belo solo.

"*Lady Luck*" inicia o lado dois, sem nenhum grande destaque, além da usual competência dos músicos. A seguinte é "*Smoke on the Water*", com Bolin tocando as notas do riff de modo diferente de Blackmore. Seguramente, não é uma das melhores versões do clássico, embora não decepcione. O solo final de Lord serve de introdução a *Soldier of Fortune*, em versão resumida. Coverdale só canta a primeira parte e novamente não se ouve a guitarra. Na sequência, um pequeno solo de Lord, onde ele toca os acordes de *Woman From Tokyo*, com Hughes e Paice entrando depois para um curto acompanhamento. A música aparece listada na capa do disco como completa, mas, no entanto, ela realmente não passou de uma pequena introdução.

Fechando o disco e o show, *Highway Star*, o número reservado para o tradicional "encore". A gravação em disco não é tão emocionante quanto em vídeo (lançado oficialmente no Japão, com o nome de *Rises Over Japan*, conforme descrito na *Into the Purple n° 2*), onde podemos ver a massa em delírio total, tentando invadir o palco de qualquer maneira. Um até consegue, indo abraçar Bolin.

Existe um pirata (muito raro), chamado *Get it While it tastes*, que apresenta uma gravação mais completa deste

show, contendo *I Need Love* e *Storm-bringer*, além de todas as outras.

Este foi um lançamento muito criticado e que chegou a desagradar alguns fãs da ala "Blackmoriana", decepcionados com as performances de Bolin, ainda mais nas faixas antigas como *Burn* e *Highway Star*. Mas, o disco deve ser analisado levando-se em consideração todos os problemas que envolviam a banda na época e também como um retrato de um momento difícil na carreira do Purple. Apesar de todas as dificuldades o disco contém ótimos momentos e seu valor histórico é indiscutível.

A exemplo do terceiro LP do Deep Purple, o *Last Concert in Japan* também não saiu no Brasil e, se isso servir de consolo, não foi lançado nem na Inglaterra, nem nos Estados Unidos. Além da edição japonesa, existem as versões francesa, mexicana, alemã, australiana, sueca, holandesa e portuguesa do disco, hoje em dia disputados a tapa pelos Apreciadores. A versão japonesa é a melhor, pela qualidade da gravação e a presença do encarte com fotos, letras e um texto cujo conteúdo não é possível para nós, pobres ocidentais, entender, pois está em japonês.

Este disco, a exemplo do *Play me Out*, do Glenn Hughes, é dedicado a Tommy Bolin, falecido um ano após esta apresentação.

Ficha Técnica (edição japonesa)
Produção — Deep Purple e Martin Birch
Engenheiro — Martin Birch
Capa — Kenji Mura
1977, Warner — Pioneer Corp. Warner/
Purple Records — P6515W

Lado A
1 — *Burn* (6:59)
2 — *Love Child* (4:41)
3 — *You Keep on Moving* (6:12)
4 — *Wild Dogs* (6:01)

Lado B
1 — *Lady Luck* (3:53)
2 — *Smoke on the Water*
3 — *Soldier of Fortune* (12:41)
4 — *Woman From Tokyo*
5 — *Highway Star* (6:46)



Publicações

Esperávamos trazer nesta seção o comentário sobre o novo poster do Deep Purple editado pela Somtrês. Obviamente que ele seria muitíssimo elogiado, principalmente porque fomos nós que o fizemos! Mas, até o fechamento desta edição, o poster não estava pronto, de modo que os elogios ficam para a próxima ItP, isto é, se o poster for realmente lançado (Alô pessoal da Somtrês, não nos decepcionem!).

Provavelmente, outra publicação que será comentada na nossa próxima edição será a *Gigantes do Rock*, relativa ao Purple. O texto está brilhante e também está aqui enaltecido, pois foi igualmente escrito pela Sociedade (não nos chame de pretensiosos, mas é que alguém tem que elogiar os textos!). Só esperamos que não hajam alterações do material que encaminhamos, por parte da (s) editora (s), para não comprometer nosso trabalho.

Queremos que os Apreciadores enviem suas opiniões sinceras sobre as publicações citadas acima e nos colocamos a disposição para qualquer esclarecimento sobre o conteúdo dos textos. A nossa intenção, nos dois trabalhos, foi a de elucidar de uma vez todas as dúvidas dos Apreciadores relativas as origens e formação do Deep Purple, além de relatar um breve acompanhamento das carreiras individuais. Entretanto, devido ao espaço insuficiente, não pudemos ser tão detalhistas como gostaríamos. Porém, os Apreciadores não serão privados de nenhum mínimo fato que conhecemos, pois os estamos divulgando através da História do Purple, publicada desde a *Into the Purple n° 2*. Só resta aguardar as

datas de lançamentos destas duas pequenas jóias da literatura universal (não liquem, é apenas uma questão de auto-afirmação...), esperando que surjam mais oportunidades para que a Sociedade cumpra o seu papel: informar os Apreciadores sobre a obra da "Realmente Maior Banda de Rock de todos os tempos".

Photobook: Agradecemos a todos que atenderam a nossa solicitação, enviando os dados referentes a edição inglesa do Photobook, comentado na edição passada. Durante alguns meses, foi possível encontrá-lo em algumas livrarias do Rio e São Paulo, ao preço de 280 cruzeiros (em dezembro). Devem ainda restar alguns exemplares remanescentes, mas, para os que quiserem tentar uma importação direta, aqui vão os dados da edição inglesa, fornecidos por alguns dos Apreciadores (valeu, galera!):

The Deep Purple HM Photobook
Omnibus Press, 1983
— distribuidor na Inglaterra:
Booksales Ltd
78 Newman Street, London
WSP 3LA, U.K.
— distribuidor nos EUA
The Pupnam Publishing Group
200 Madison Avenue
New York NY
10016 — USA

Em tempo: Nós devemos uma correção a vocês. Na descrição das fotos do Photobook da n° 3 existe um erro. A foto creditada como sendo de Jon Lord no Concerto for Group, foi na realidade tirada em uma apresentação do LP *Windows*, do próprio Lord. Desculpem o mau jeito.

DISCOS

I A N GILLAN



viu os discos da Gillan (Gillan, Mr. Universe, Glory Road, Future Shock, Double Trouble e Magic), sabe que o nível de todos é altíssimo, o mais próximo do Purple que banda alguma alcançou até hoje (nem o Rainbow? Nem o Rainbow!).

Mas, é lógico que nesses discos existem algumas poucas canções menos brilhantes. E não é que elas foram incluídas nesta coletânea? Com isso ficaram de fora obras-primas como *Fighting Man*, *On the Rocks*, *Mr. Universe* e *For your dreams*, entre outras. Mesmo assim, a presença de *No laughing in Heaven* (uma daquelas canções que só mesmo Gillan consegue cantar. . .),

If you believe me (um super Blues), *If I sing Softly* (Grande momento romântico de Gillan), *Unchain your Brain* (Heavy de primeira) e as canções que só saíram em compactos (a magnífica *Mutually Assured Destruction*, *Trouble* e *Lucille*), justifica a batalha para se conseguir este álbum. Outro atrativo é a capa, externamente muito bonita e internamente trazendo umas notas manuscritas por Ian, onde ele explica a origem de algumas das músicas presentes, além de algumas fotos caseiras, bastante interessantes.

Mas, quem tiver a oportunidade deve também tentar conseguir os discos da Gillan separadamente, de-

vido a qualidade dos mesmos. Não é uma fácil tarefa, pois todos são importados. A Sociedade bem que tentou junto a RCA — que detém os direitos da Virgin no Brasil —, lançar os discos da Gillan por aqui. É por isso que apareceu o anúncio: "Aguarde. Gillan vem aí", em nossa edição anterior. Infelizmente, as condições financeiras tornaram o negócio inviável para nós. Temos então que torcer para que a gravadora lance os discos por iniciativa própria, algo que não está tão longe de acontecer, o negócio é aguardar.

P

GRAHAM BONNET

What I did on my vacation
(DIXD 39/Ten Records 1986/
LP Inglês)

ALCATRAZZ: Dangerous Games
(ST - 12477/Capitol/1986/LP
americano)



Graham Bonnet teve a felicidade de atuar com alguns dos maiores nomes da guitarra, a partir de novembro de 78, quando entrou para o Rainbow. Sua voz está registrada nos discos *Down to Earth* e *Castle Donnington*, gravados nos quase dois anos que esteve ao lado de Blackmore.

Em agosto de 80, Bonnet levou sua potente voz rouca para o Michael Schenker Group, gravando o disco *Assault Attack*. Depois do MSG, Bonnet formou sua própria banda, Alcatraz, onde dividia as principais atenções com o então desconhecido guitarrista sueco Yngwie Malmsteen. Com Malmsteen, o Alcatraz gravou dois grandes discos: *No Parole form Rock'n Roll* e *Live Sentence*, que levaram o nome

do guitarrista às primeiras páginas das publicações de rock. Yngwie decidiu seguir carreira-solo, formando o *Rising Force*. O Alcatraz prosseguiu e o próximo a ocupar a guitarra foi o excelente Steve Vai (ex-Frank Zappa, atual Dave Lee Roth Band), que manteve o alto nível do seu antecessor.

Disturbing the Peace foi o dis-

co seguinte da banda, sustentando a qualidade dos discos anteriores. Porém com a saída de Steve, Bonnet parece ter percebido que bons discos de Heavy Metal dão menos dinheiro que os Rocks tipo *Journey*, *Styx* e *Foreigner* e decidiu entrar no ramo do "som FM". Agora, o Alcatraz é mais uma dessas "bandas sem rosto", fazendo um Rock fácil, bem acabadinho, pronto para ser consumido pelas FM's da Europa e EUA. O guitarrista agora é Danny Johnson (Ex-Rick Derringer, Rod Stewart e Alice Cooper), que não tem nem parte do brilho de Malmsteen e de Vai. Lamentavelmente, perdemos uma das poucas opções para se ouvir um som de qualidade, menos comercial.

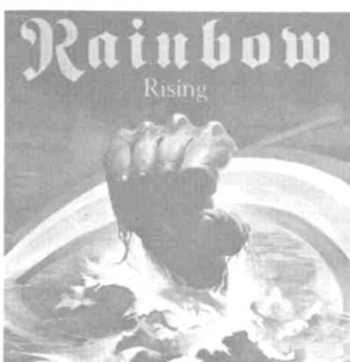
Dangerous Games é um disco fraco, sem sal, uma ovelha negra na carreira do Alcatraz, para não dizer que o disco é inteiro ruim a capa até que é bonita...

P

R A I N B O W

Rising
(2391. 224/Polydor/1985
LP brasileiro)

Ainda bem que as gravadoras, de vez em quando, se lembram que os Rockeiros de bom gosto também compram discos. Através da saudável política dos relançamentos, tivemos a oportunidade em 86 de substituir em nossas discotecas preciosidades como *"Shoot out at the fantasy factory"*, *do Traffic*, *"The Best of the Doors"* e... *"Rising"*, do Rainbow! Uma salva de palmas, por favor.



Lembro-me muito bem quando este disco saiu aqui pela primeira vez, em 76. Vim a viagem toda dentro do ônibus, do centro da cidade até minha casa, admirando a beleza da capa, uma das mais bonitas que já vi. Chegando, fui direto p'ra pickup colocar o *Rising* para rodar. Aumentei o volume e os primeiros sons do vinil me deixaram na dúvida se o disco havia sido gravado ao vivo na Convenção Internacional dos Pipoqueiros. Mas, obviamente eu me esquecera que o LP era nacional e os pipocados e chiados eram a tradicional contribuição

P

DISCOS

"Compulsória" (essa palavra nunca traz nada de bom...) que nossas gravadoras dão às músicas de todos os discos que prensam. Começou, então finalmente, Tarot Woman, aberta pelo sintetizador de Tony Carey. Fiquei ali, de ouvido colado na caixa, esperando que uma hora a música finalmente fosse encobrir os chiados do disco. De repente, entrou uma bateria que me jogou do outro lado do quarto. Cozy Powell! A próxima reação foi um frio na barriga, ao ouvir a guitarra de Blackmore, seguida pelo vozeirão do grande, ou melhor, baixinho Dio. Seguiam-se as faixas Starstruck, Run With the Wolf, Do you close your eyes (Você fecha os olhos quando faz amor?) e acabou o lado A. Nenhum ortopedista do mundo

poderia, aquela altura, recolocar meu queixo no lugar. Mas, levantei-me, firme e forte, para virar o disco e... Stargazer! Eu pensei — "ó que eles querem, me matar?". Se não bastasse isso, ainda veio o solo de guitarra em A Light in the Black para derrubar minhas últimas resistências. Nas audições seguintes, mais prevenido, coloquei o disco para rodar tantas vezes que tive que comprar outro para substituí-lo, de tão gasto. Muitas pessoas também fizeram o mesmo o ano passado, durante o pouco tempo em que o disco esteve à venda, antes de se esgotar, novamente. Evidentemente, mataram também as saudades daqueles malditos pipocados. Meu reino por um disco — laser! **P**

jeito eles terão de rever seus planos, pois as vendas de ingressos nos shows não tem sido lá essas coisas, apesar do LP ter vendido mais de 300.000 cópias em todo mundo. Em San Antonio, um show do ZZ Top levou 15.000 pessoas. Uma noite depois, o ELP levou 3.000...

Bem, voltando ao disco, imagine que os velhos fãs do ELP vão se divertir muito, brincando de adivinhar com qual trecho de qual música dos discos anteriores se parece determinadas parte deste novo LP.

Para músicos "progressivos", tudo soa muito retrógrado. Não existem investidas em experimentalismos, não existe audácia. É evidente que não se pode contestar a capacidade dos músicos. Emerson sabe tudo de teclado, Lake continua com a voz linda e Cozy... está no lugar errado! Volta p'ro Whitesnake, Cozy.

Gostaria muito de dizer algo positivo sobre este disco. Mas, neste, nem ao menos a capa é bonita. **P**

BOMBA!!! Através do último telefonema da Inglaterra, o Roberto informou que Powell não está mais no ELP. A banda provavelmente vai parar, devido ao insucesso comercial. Sinal que o comentário acima — escrito bem antes desta notícia — não foi nada exagerado. E que o público ainda exige conteúdo e não somente um nome famoso. Pelo menos os de bom gosto. Qual será o destino de Powell? Um novo disco solo? Tomara que sim.

Emerson Lake & Powell



EMERSON, LAKE & POWELL
(829297 - 1/Polydor/1986
LP brasileiro)

A nossa Sociedade poderia ter seu nome alterado para Sociedade dos Apreciadores da Boa Música, sem alterar seus propósitos. Isto porque o que levou a esmagadora maioria a Apreciar o Purple foi a qualidade de seus músicos e de suas músicas e não modismos ou esquemas promocionais espertos. Sendo assim, existe também grande afinidade dos Apreciadores com outras bandas, que fazem ou fizeram música de qualidade. Uma delas foi o Emerson, Lake & Palmer. Sem dúvida, o ELP foi um dos pilares do Rock Progressivo — ou melhor, Progressista, como faz questão o Valdir Montanari (Tudo bem por aí, Valdir?) — e alguns de seus discos ainda fazem a cabeça de milhões de Rockeiros por todo o mundo. O ELP teve uma fase de decadência, na época do LP Love Beach, quan-

do seu som mostrava-se estagnado em relação às inúmeras novas correntes surgidas no cenário Progressista. Com isso, tiraram o time de campo. Emerson gravou trilhas para cinema, Lake fez dois discos solo e Palmer foi para o Asia. O que levou Keith Emerson e Greg Lake a reformular o ELP em 85? O dinheiro! Segundo declaração de Keith — curto, grosso e sincero — "foram ganhar dinheiro". Mas... havia um detalhe — Palmer não estava nos planos. Trataram de buscar Cozy Powell para a bateria. Neste ponto entra nosso interesse direto na coisa toda. Cozy estava no Whitesnake e foi convidado "pela sua competência e não para manter a sigla ELP. Tanto fazia se o seu nome fosse Cozy Smith ou Cozy Jones, nós o queríamos assim mesmo", segundo palavras de Lake. Não sei não. Ouvindo o disco, isso não fica muito caracterizado. Cozy, um baterista de estilo muito pessoal, cuja principal característica é a vigorosa marcação, com o uso constante dos dois bumbos, parece um tanto "domesticado" no ELP. Para um ouvinte desavisado, fica difícil reconhecer o baterista, o que é lamentável. Cozy não participa efetivamente das composições, estando as quilométricas letras a cargo de Lake e as músicas à dupla Lake/Emerson. Ou seja, Powell parece mais ter sido contratado para dar sustentação aos sonhos megalomaniacos de Emerson & Lake, do que para contribuir musicalmente. Pelo

RAINBOW



FINYL VINYL
(827987-1/Polydor/1986
LP brasileiro)

Na Into the Purple Nº 3, introduzimos este disco a vocês, baseados no release da Polygram International escrito pelo próprio Roger Glover. Isto foi em maio, bem antes do lançamento da edição brasileira, portanto não havíamos ainda posto as mãos no disco. Acontece que o tal release referia-se ao vídeo Final Cut (veja a seção de vídeos desta edição), que possui músicas diferentes do Finyl Vinyl. Deste modo, algumas informações saíram incorretas. Lamentamos o ocorrido, lembrando aquele sábio pensamento do velho filósofo contemporâneo Maxwell Smart: "Só erra quem tenta".

Mas, felizmente o disco acabou saindo mesmo por aqui, de modo que todo mundo já deve ter percebido nossos enganos por conta própria. Sabe-se lá do que não nos xingaram...

Finyl Vinyl é mais um daqueles álbuns duplos que poderiam muito

bem ter saído simples. Pegar-se-iam as inéditas Jealous Lover, Bad Girl e Weiss Heim (Linda!), as duas canções com o Dio, mais a Difficult to Cure e uma qualquer das ao vivo com o Turner (para registrar que ao vivo ele deixa muito a desejar) e pronto. Um ótimo disco simples, em vez de um dispendioso álbum duplo. Antes que vocês comecem novamente a nos xingar, queremos explicar melhor. É lógico que quanto mais discos do Rainbow, melhor. Só que em vez de tantas faixas com o Turner, poderiam vir mais faixas da fase gloriosa com o Dio, ou até mesmo com o Bonnet (meio injustiçado por alguns fãs do Rainbow). Das faixas ao vivo incluídas da fase Turner, a única que traz algo de novo é a maravilhosa versão da Difficult to Cure, gravada com uma orquestra completa, realmente chapante. Detalhe: é uma faixa instrumental...

Nossos cumprimentos a gravadora, que lançou o disco com a capa dupla, semelhante a do original, não nos privando assim das fotos internas. É incrível que coisas como estas tenham que ser comemoradas, mas enfim, estamos no Brasil...

Só mais uma coisa. A qualidade da gravação do disco nacional continua vergonhosa. Mas, como o consumidor brasileiro nunca reclama mesmo, tudo vai continuar sempre a "lesma lerda". Aliás, no geral, brasileiro não reclama de nada, nem mesmo da sua qualidade de vida. Mas isso já é outra estória... **P**

DEEP PURPLE
DEEP PURPLE
DEEP PURPLE
DEEP PURPLE
DEEP PURPLE
DEEP PURPLE
DEEP PURPLE

DISCOGRAFIA

Compactos

Might Just take your life/Coronarias Redig

Lado A como no LP Burn. O lado B foi a primeira aparição desse número instrumental, gravado na Suécia em 73. Permanecia inédita entre nós, até a saída do álbum Anthology.

Might just take your life/idem.

Aqui está de volta mais um daqueles compactos promocionais mono/estéreo da Warner americana. Segundo gentis explicações do José Roberto Verta, estes compactos eram fabricados por exigência das rádios AM dos EUA, cuja reprodução em mono é melhor que em estéreo.

Coronarias Redig/Might just take your life.

Inversão italiana do primeiro item.



Black Night (Live version)
Painted Horse
When A Blind Man Cries

Burn/Coronarias Redig.

Tentativa da Warner em atingir as vendas do compacto da Smoke on the Water, o que não foi conseguido, embora o LP Burn tenha vendido muito bem.

Burn/idem

A usual versão mono/estéreo americana.

Prosseguindo com a relação dos compactos do Purple, apresentamos os lançados pelas Mark III & IV. Também incluímos relações dos Maxi-singles e os EP's, conforme havíamos prometido. Reservamos uma surpresa especial para esta edição: a relação dos piratas fabricados depois da volta do Purple, em 84, com gravações da Perfect Strangers Tour.

A excursão do novo LP provocará uma nova enxurrada de bootlegs, sem dúvida. Os que chegarem até nós serão informados com todos os detalhes a vocês. Agradecemos a colaboração de Simon Robinson, que compilou ambas relações — Thank you, Mr. Robinson!

Burn/Might just take your life.

Lançado no Japão, correspondendo ao primeiro item desta lista. As duas são extraídas do Burn e o fato de Coronarias ter ficado inédita por lá, deixou os colecionadores japoneses malucos atrás dos compactos importados por muitos anos.

You can't do it right/High ball shooter.

Lançamento americano, sem evidências de ter sido distribuído comercialmente. Segundo Simon, o título do lado A é bastante apropriado para a gravadora americana ("Você não pode fazê-lo direito").

You can't do it right/idem.

Estavam com saudades? Olha aí mais um dos velhos promocionais mono/estéreo de volta. Coisas da terra de Tio Sam...

Might just take your life/You can't do it right.

Edição para a etiqueta Back to back Hits (tipo "flash back"), lançado nos EUA.

Stormbringer/Love don't mean a thing.

Editado em vários países europeus, menos na Inglaterra, onde não houve compactos extraídos do Stormbringer. O mais vendido entre os três derivados deste LP.

Stormbringer/idem.

O de sempre, mono/estéreo americano.

Lady Double Dealer/You can't do it right.

Lançamento da Warner japonesa, trazendo na capa a célebre foto do Purple na porta do Starship, o avião alugado para as excursões da banda.

You keep on moving/Comin' home.

Um lado A que poderia ser mais forte, concordam? Lançamento japonês, ambas extraídas do Come taste the band.

You keep on moving/Love child.

Edição inglesa, lançada após o LP. Os lados poderiam ter sido invertidos.

You keep on moving/Dealer

Versão europeia (Continental) do compacto inglês, ambas do Come taste the Band.

You keep on moving/Gettin' Tighter.

Compacto italiano, trazendo uma incrível gafe na capa — uma foto da banda incluindo Blackmore!

Gettin' Tighter/idem.

Promocional americano mono/estéreo. Existe um outro lançamento americano com o mesmo lado A, mas o lado B é desconhecido. Mui-tíssimo raro, pois foram distribuídos poucos exemplares.



EPs & Maxi-singles

(A) Smoke on the Water/Woman from Tokyo

(B) Child in Time

(MS) inglês, contando só com faixas de estúdio, lançado em 77, com capa colorida para as primeiras 10.000 cópias. Posteriormente lançado na Alemanha e Bélgica.

New, Live & Rare

(A) Black night (live)

(B) Painted horse/When a blind man cries

Hoje em dia, o título não tem mais o mesmo impacto, pois as três estão incluídas nos LP's Powerhouse (as duas primeiras) e Anthology. Lançamento inglês, também de 77.

New, Live & Rare Vol II

(A) Burn/Coronarias Redig

(B) Mistreated

Lançado na Inglaterra em 78, trazendo Coronarias como grande atração. As outras duas são do Made in Europe.

New, Live & Rare Vol III

(A) Smoke on the water

(B) The bird has flown/Grabsplatter.

The bird... é com Gillan no vocal, gravada ao vivo para a BBC. Dos três maxi-singles desta série, é o mais interessante, pois esta versão de The bird... não saiu em nenhum LP até agora. Smoke on the Water é do In Concert e Grabsplatter saiu no Anthology. Inglês, de outubro de 1980.

Super Maxi-single:

(A) Child in time/ (B) Smoke on the water/Fireball.

Lançamento holandês, para comemorar a presença da Child in Time durante o quinto ano consecutivo na lista das 100 Mais da Rádio Veronica (!), em 1975. Editado também na Bélgica, com faixas cortadas.

Mini LP: (A) Burn/(B) Lay down, Stay down/You fool no one. Outra produção para as juke-box. Todas do Burn, sendo as do lado B cortadas em relação ao original.

DEEP PURPLE DEEP PURPLE DEEP PURPLE DEEP PURPLE DEEP PURPLE DEEP PURPLE DEEP PURPLE DISCOGRAFIA

Mini LP: (A) Smoke on the Water/(B) Highway Star.

Faixas do *Made in Japan*, completas. Não foi posto à venda, produzido apenas para as juke-box (máquinas de músicas, que funcionam a base de fichas) americanas, em 72.



**(A) The bird has flown
(B) Hallelujah/Help.**

Interessante produção mexicana de 1970, trazendo duas faixas da MK I e a primeira gravação de MK II (Hallelujah).

In Rock EP

**(A) Black night/Into the fire
(B) Living wreck/Speed King**
Outra obra dentro da gravadora mexicana. Além do ótimo repertório escolhido, incluíram uma versão diferente da *Speed King*, inédita.

In Rock EP

**(A) Child in Time
(B) Living Wreck/Hard Lovin' Man**
Lançamento boliviano! Que vergonha para nós! Aqui nunca caiu qualquer EP do Purple!!!

Space Truckin'

**(A) Part I
(B) Part II**
Bem, ninguém é perfeito. Desta vez, uma atrocidade mexicana — dividiram a versão do *Made in Japan* em duas.

2 + 2 Purple

**(A) Black night/Strange kind of woman
(B) Fireball/Speed King**
Alemão, de 78. Obteve boas vendas, apesar de trazer só faixas de estúdio.

Do you Remember?

(A) Child in time/(B) Woman form Tokyo
Um dos volumes de uma coleção holandesa que enfocou várias bandas. *Child in Time* é do *In Concert*, cortada. Lado B de estúdio. 1981.

**(A) Burn
(B) Coronarias Redig/Mistreated.**
Edição em 12" do *New, Live & Rare Vol II*. Italiano.

(A) Black night/(B) Strange Kind of woman
Outro 12", lançado para promover o LP *Singles A's and B's*, em março de 79, na Inglaterra.

(A) Child in time/(B) Smoke on the Water
Edição holandesa de 79, trazendo versões cortadas do *Made in Japan*, apesar da citação *Long Versions* na capa. Também em 12" (ou seja, do tamanho de um LP).



Aguardem, na próxima *Discografia*, relação comentada das coleções do Purple, esclarecendo os Apreciadores sobre as inúmeras dúvidas encaminhadas até nós, através das cartas.

Perfect Strangers Tour BOOTLEGS

Legenda das Informações:

(nº de ordem) Nome do disco
Nome da gravadora e código do disco/capa: colorida — COR; preto & branco — P&B/Local de origem/data e local da gravação/nº de discos: simples, duplo ou triplo.

- 1 - Highway Stars
Mint m2 1984/COR/Suécia/Adelaide (Austrália), 30.11.84/duplo
- 2 - Highway Stars
Neurotic NUT 002/COR/Itália/Adelaide, 30.11.84/duplo
- 3 - Sidney & George
Neofonok DP 1/preto & azul/Austrália/Sydney, 12.12.84/simples
- 4 - Reborn
Margory 814312/COR/Japão/Sydney, 14.12.84/duplo
- 5 - Back in Action
Roxy 004-5/duas cores/Suécia/Melbourne, 16.12.84/duplo
- 6 - Warm-up in Austrália
Italy 161284/COR/Itália/Melbourne, 16.12.84/duplo
- 7 - Purple Reign
XL 1610/duas cores/Japão/Long Beach, 01.02.85/duplo
- 8 - Deep in Detroit
Pegleg PP 001/COR/Inglaterra/Cleveland, 21.02.85/simples
- 9 - Nobody's Home
March Rec/?/Japão/Detroit, 22.02.85/duplo
- 10 - Worth the wait
Speed King Rec/?/Europa/Providence Rhode Island (EUA), 05.03.85/duplo
- 11 - Purple Patch
Ets 2575/COR/Japão/Meadowlands (EUA), 09.03.85/duplo
- 12 - Complete Strangers
Haro RSR 220/P&B/EUA/Toronto, 01.04.85/duplo
- 13 - Revisit in Far East
Margory 850.509-1/COR/Japão/Osaka, 09.05.85/duplo
- 14 - The Perfect Stranger
DP 0516/COR/Holanda/Tokyo, 16.05.85/duplo
- 15 - The third night
Mint 198 50616/COR/Suécia/Stockholm, 16.06.85/duplo
- 16 - Made in Belgium
?/COR/Europa/Genk, 20.06.85/duplo
- 17 - The Return of the Knebworth Fayre
Mint 198 60177/COR/Suécia/England, 22.06.85/duplo
- 18 - Live at Knebworth
Speed King Rec/COR/Alemanha/England, 22.06.85/duplo
- 19 - Ian's Birthday Party
September Songs/COR/Europa/Manheim, 29.06.85/duplo
- 20 - More Smoke on the Water
2906/?/Alemanha/Manheim, 29.06.85/triplo
- 21 - Back to Nuremberg in 1985
DP 1 - 2/P&B/Europa/Nuremberg, 06.07.85/?
(Obs.: existe outro pirata semelhante, sobre o nome de *Perfect Masters*, vol. 1)
- 22 - Knockin in Nice
Matt MR 111/COR/Europa/Nice, 11.07.85/duplo
- 23 - The Perfect Live Album
Speed King Rec 100935/COR/Europa/Zurich, 14.07.85/triplo
- 24 - King of Rock
?/P&B/Alemanha/?/simples

Existe uma série de outros piratas cuja origem não foi confirmada, como tampouco sabe-se se existem em discos ou apenas em cassetes. São eles:

- Back in Europe/The return of The Strangers
- Live in Tokyo 85
- Paris 85
- Live in USA
- The Complet Strangers
- Black night

Qualquer dado complementar que chegar até nós, será repassado nas futuras edições.



Videos

Desta vez, apresentamos dois vídeos oficiais: The Final Cut, do Rainbow e Live at The Rainbow, da Ian Gillan Band. Já temos engatilhadas algumas surpresas para os Apreciadores em relação aos vídeos, principalmente no que se refere ao Deep Purple. Aguardem a próxima Into the Purple, ou a qualquer momento em edição extraordinária.

RAINBOW
THE
FINAL
CUT

Este vídeo foi introduzido rapidamente a vocês na ltp nº 3, sem entrar em muitos detalhes, o que será feito a partir de agora. O vídeo é oficial, ou seja, você pode adquiri-lo e levá-lo para casa (evidentemente pagando um preço extorsivo) em algumas importadoras e garantir-se quanto a qualidade da imagem, que é perfeita.

A apresentação é baseada no layout do Final Vinyl, com páginas sendo viradas como em um álbum de fotografias, até que uma delas começa a se movimentar, virando uma imagem que cobre toda a tela, iniciando o clip. Uma boa idéia, executada com perfeição. O Final Cut alterna trechos de shows ao vivo (todos com Turner), com clips das faixas dos LP's Down to earth, Difficult to cure, Straight between the eyes e Bent out shape.

A primeira é ao vivo, Spotlight Kid, gravado no Japão, com Chuck Burgi na bateria, em um show da Straight between the eyes Tour. Turner canta vários tons abaixo em relação ao disco de estúdio, deixando as notas mais agudas a cargo do backing vocal. Confira, ouvindo a primeira faixa do Final Vinyl, pois é a mesma gravação. Na sequência, o clip de Death Alley Driver, apresentando Ritchie como ator! O clip, a exemplo de todos os outros desta fita, não tem grande produção, concentrando as tomadas de câmera na banda, que dubla a versão de estúdio. As cenas onde Ritchie aparece como protagonista são de uma perseguição entre uma moto (pilota da Turner) e o "Big old black Sedan" citado na letra da música. Dentro do sedã, Blackmore, na captura de Turner, esfregando as mãos com um sorriso(!) sacaneta. Assistindo o clip, a gente chega a conclusão que, como ator, Ritchie morreria de fome...

A próxima é I surrender, outro clip. Novamente o Rainbow aparece dublando, tendo um cenário de fundo preto, bem simples, com umas incompreensíveis luzes giratórias (do tipo usado pela polícia) espalhadas em volta da banda. All night long vem em seguida e é mais uma apresentação do Rainbow dublando-se. As atrações são divididas entre a banda e a presença de uma dançarina loira muito boa (que além de tudo, dança bem!). Mais um clip entra em seguida — a ecológica Can't happen here. Entre uma e outra imagem ilustrativa da letra, Ritchie e seus comandados aparecem dublando, como nas outras vezes. Uma cena interessante é quando a letra diz "Rio de Janeiro in the afternoon" e aparece uma foto de uma praia carioca que, pelo tamanho dos biquínis, deve ter sido tirada há uns quinze anos atrás...

Ah! A próxima! Difficult to Cure! Muito, muito linda esta versão. O que assistimos foi gravado durante a mesma excursão pelo Japão citada na primeira música desta fita, com Blackmore sendo secundado pelo Rainbow e por uma orquestra completa. O arranjo da Nona Sinfonia de Beethoven ficou emocionante, trazendo uma fusão perfeita do som da banda com o da orquestra. Muita categoria de Blackmore, tocando com a maior naturalidade do mundo frente a todos aqueles músicos. Arrepiante.

O clip seguinte, I can't let you go, tira a gente do transe, despertando-nos com boas gargalhadas. Os "atores" Ritchie e Turner atacam novamente, revelando-se impagáveis canastrões, interpretando — ou pelo menos tentando — uma estória sem pé nem cabeça. Ritchie deserta Turner com um gesto de dentro de uma espécie de caixa e ele vai atrás de uma garota. Depois de uns beijinhos, Turner tenta matar a moça e é impedido por Ritchie, que o faz voltar ao seu esquite. Muito engraçado mesmo. Para variar, a banda aparece de vez em quando, dublando. Nas dublagens, algo bastante incomum — Blackmore aparece empunhando uma Fender Telecaster.

Na sequência, mais um trecho da Straight between the eyes Tour. Desta feita é exibido Power, onde constatamos que a versão ao vivo valoriza muito esta música.

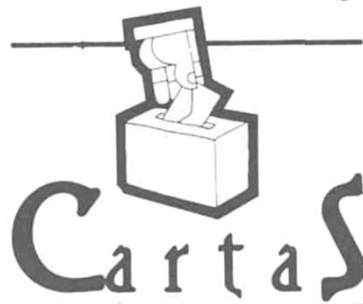
O Final Cut termina com mais três clips: Since you've been gone (rara oportunidade de ver Glover sem esconder com um chapéu sua proeminente careca), Stone cold e a fraca Street of dreams. Destas três, vale ressaltar que Stone cold foi várias vezes exibida em nossas TV's (ao menos aqui em São Paulo) e é tranquilamente o pior clip de todos. Enquanto Turner canta, rodeado por espelhos e

IAN GILLAN
BAND
AT THE
RAINBOW

Este show foi gravado durante a excursão promocional do penúltimo LP da IGB, Clear Air Turbulence, no lendário teatro londrino, hoje transformado em uma loja de sapatos. O vídeo não apresenta o show completo, pois só tem 30 minutos. Cinco músicas são executadas, nesta ordem: Clear air turbulence, Money Lender, Child in time, Smoke on the water e Woman from Tokyo.

Seria suficiente dizer uma frase, para descrever o que acontece nesta apresentação — "é uma grande atuação dos cinco componentes da Ian Gillan

no meio da fumaça, aparece uma garota com uma máscara de plástico (!) e fica rodando em volta dele, sem fazer absolutamente nada. O pior ocorre quando a letra diz: "suas palavras são como gelo caindo ao chão". Adivinhem o que aparece — uns cubos de gelo caindo no chão! Que criatividade! Outro exemplo que Blackmore não era tão exigente para escolher diretores de seus vídeos como era para escolher seus músicos, acontece no último clip. Street of dreams, literalmente "Rua dos Sonhos", tem alguma produção, a mais cara de todos os outros. O que estraga tudo é uma cena onde aparece uma rua deserta e... cheia de camas! Ai, ai, ai, se Kubrik vir isso...



Uma das raras, ou talvez a única, surpresa negativa que tivemos após a Into nº 3 foi a receptividade da seção de cartas. Muitos a acharam desperdício de espaço e aconteceu mesmo, de alguns dos que tiveram suas cartas publicadas melindram-se. Isto foi incrível, pois a intenção foi justamente a oposta, ou seja, homenagear aqueles que mais nos haviam escrito. Sendo assim, suprimos a publicação de cartas, democraticamente, satisfazendo a vontade dos Apreciadores. Particularmente, achamos que todo espaço dedicado a exposição de opiniões deve ser preservado, já que não temos muitas oportunidades de nos expressar, mas enfim, vocês que mandam.

Outra coisa que nos surpreendeu nesses anos de Sociedade é a resistência em escrever cartas por parte de grande parcela dos Apreciadores. Você, por exemplo, já nos escreveu? Suas opiniões e colaborações são importantíssimas, pois a Into the Purple é feita totalmente dirigida às preferências dos Apreciadores. Queremos receber cada vez mais cartas e aproveitamos para agradecer sinceramente aos que nos prestigiaram com suas cartas este tempo todo. Finalmente, queremos insistir quanto ao envio de selos para as respostas. Sempre que possível, enviem os selos necessários, pois isso nos auxilia extremamente. Como não somos orgulhosos, aceitamos prazeirosa-

Band!". Por aí vocês já sabem o que esperar: Gillan na plenitude de seus dotes vocais (Child in time ao vivo é algo reservado apenas para os que tem corações fortes), o tecladista Colin Towns com seu discreto virtuosismo, o batera Yankee Mark Nauseef e sua percussão colorida, o seguro baixo de John Gustafson (é vocalista também, muito bom, por sinal) e a guitarra sensível de Ray Fenwick.

Os cinco, muito entrosados, passam para o público apenas uma coisa: música, da melhor qualidade, executada com emoção, alegria, classe e competência. Não espere ver cenários luxuosos, espetáculos pirotécnicos ou roupas de plumas e lantejoulas. Só há espaço para a música em cima do palco. Música muito bem tocada. E muito bem cantada.

mente contribuições voluntárias de selos. Sintam-se a vontade para remetê-los a nós, sempre que sentirem vontade.



GRAVAÇÕES

Por problemas de custos, não anexamos o catálogo de gravações na Into the Purple. Quem quiser recebê-lo, terá que pedir por carta (não esqueça do selo para a resposta!). Muitos itens novos foram acrescentados (muitos piratas!), tornando o nosso catálogo ainda mais completo. Para reforçar o espírito iminentemente divulgativo das gravações, mantivemos a taxa simbólica de Cz\$ 25,00 por item. Salientamos que novos pedidos deverão obedecer às instruções deste novo catálogo (tivemos alguns problemas com o Correio, devido ao envio inadequado das fitas pelos Apreciadores) e que o catálogo de junho de 86 (o anterior) não tem mais validade.

VIDEOS

Igualmente às fitas cassetes, o catálogo de vídeos (um dos mais completos do Brasil!) deverá ser pedido a parte, anexando-se Cz\$ 3,00 em selos para a resposta. Muitos e sensacionais itens foram adicionados à relação anterior.

CAMISETAS — O pleno cruzado (o falecido), afetou seriamente o mercado de camisetas, mas prósperamente estamos os três modelos: Perfect Strangers, Gillan e Whitesnake. Estamos estudando a inclusão de novos itens ao nosso catálogo, sendo que os interessados devem pedí-lo pelo Correio. Os preços são bastante acessíveis e as camisetas são lindas. Só é preciso um pouco de paciência para recebê-las. Mas, que elas chegam, não resta a menor dúvida.

NÚMEROS ATRASADOS

Possuímos poucos exemplares da nº 3 em estoque. Quem quiser um, deve escrever para certificar-se se ainda existe algum, antes de enviar o pagamento. Os nºs 1 e 2 estão esgotados há muito tempo. Estamos estudando a viabilidade de reimprimi-los, mas isto ainda não está definido. Em todo caso, vocês serão avisados por carta, caso haja uma reedição. Atenção: só receberão correspondência da Sociedade os que responderem ao questionário da Pesquisa.

PATCHES, BOTOOMS E ADESIVOS

Temos alguns destes artigos, adquiridos no comércio de São Paulo, que podemos passar a quem se interessar, por um preço justo (a Sociedade não tem fins lucrativos, embora alguns se esqueçam disso, às vezes). O esquema é o mesmo — solicite catálogo, enviando selo para resposta.

ASSINATURAS

Não fazemos assinaturas da Into the Purple, pela periodicidade irregular do nosso fanzine. Sempre que uma nova edição é lançada, avisamos os Apreciadores pelo Correio.

DISCOS

Frequentemente nas cartas que recebemos, nos é solicitado que vendamos discos pelo Correio. A Sociedade não tem discos para vender. Dependendo do disco desejado, podemos indicar algumas lojas onde os mesmos poderão ser encomendados, dependendo das condições das próprias lojas na época do pedido.

NOTAS

Whitesnake



Finalmente tivemos notícias concretas sobre o Whitesnake. Provavelmente enquanto você lê esta nota, o novo LP já estará disponível no mercado Europeu. O título *Children of the Night* ainda é oficioso e este disco já está gravado há muito tempo, não sendo lançado devido aos problemas de saúde de Coverdale. Com David de novo em forma, o Whitesnake terá de partir para a reconquista do espaço perdido nestes dois anos de ausência, principalmente na América, onde houve um amplo esquema promocional para o LP anterior, *Slide it in*. A demora em lançar o novo disco acabou comprometendo todo o trabalho e com isso a gravadora americana resolveu agir, exigindo que fossem feitas modificações nas fitas já prontas. Algumas faixas foram remixadas e outras foram substituídas. Resultado; a exemplo do *Slide it in*, teremos duas versões diferentes do novo disco do Whitesnake. Desta vez, não só de mixagem, como também pela presença de duas faixas diferentes das versões americana e europeia.

Segundo as primeiras audições das fitas pelo pessoal da revista *Kerrang*, Coverdale não fez o melhor que sabe. Segundo esta mesma revista, foram regravadas para este disco *Here I go again* e *Crying in the rain*. Isto soa meio estranho, em

se tratando de músicas tão recentes. Como sempre, só nos resta aguardar e guardar. Guardar o dinheiro, pois seja qual for a versão lançada no Brasil, a outra será também desejável.

E a banda? Por enquanto, para as excursões, garantidas mesmo só a presença de Coverdale e Sykes. Os outros participaram das gravações (veja número anterior), mas não deverão prosseguir com David.

Para finalizar, uma notícia que não é exatamente nova, mas que por certo não era conhecida da maioria dos Apreciadores e que nos foi confirmada pela Deborah. Apreciadoras, recebam esta com muita calma: Coverdale não é mais casado! Segundo dizem, a separação ocorreu na época do *Burn* e *Mistreated* teria sido feita sobre este clima. Já posso ouvir os suspiros... P

já sabem, *Into the Purple* nº 5 com todas as declarações de Blackmore na íntegra. P

Gary Moore



Para nossa alegria, Gary Moore continua em franca atividade. Há algum tempo o compacto "Over the hills and far away" está nas paradas da Europa e seu novo álbum está saindo em março, chamado *Wild Frontiers* (aguardem comentário sobre este LP em nosso próximo número). Para promover seu novo disco, Moore marcou uma série de concertos pelo Velho Mundo, com sua banda totalmente reformulada, depois da saída de Glenn Hughes. Um outro compacto, com o guitarrista dividindo os vocais com o falecido Phil Lynott também será posto a venda, trazendo uma canção que trata dos graves problemas que sofre a Irlanda, país de origem dos dois e temas constantes nas composições, tanto de Moore quanto do Thin Lizzy, banda onde atuava Lynott. P

Gillan & Glover



Podem esperar mais novidades em termos de discos. Gillan e Glover fizeram gravações como dupla, em um estúdio no Caribe. Segundo Gillan, este é um trabalho diferente do Purple, pois em dupla a liberdade é muito maior do que em um quinteto. Com os dois criando à vontade, temos certeza que um

grande disco virá por aí. Não existe data de lançamento, por enquanto. O que podemos dizer, vocês ainda não leram na *Into the Purple* — "Vamos aguardar que o disco saia por aqui, embora isso seja meio difícil". Como sofre um Apreciador brasileiro... P

BLACKMORE



A revista alemã *Metal Hammer* publicou em sua edição de janeiro uma interessante entrevista com Blackmore. Ritchie não morre de amores pela imprensa e o simples fato dele ter respondido as perguntas do jornalista alemão já seria algo a se destacar. Porém, algumas declarações de Ritchie tornaram esta entrevista particularmente notável.

Entre broncas contra Joe Lynn Turner, contra o Police (Ritchie os odeia) e contra a própria imprensa — ele não se conforma com as críticas que a imprensa inglesa dedicou ao último disco de Paul McCartney —, Blackmore acaba fazendo surpreendente elogios aos guitarristas Steve Vai (espantoso, segundo Ritchie) e Yngwie Malmsteen (brilhante, nas palavras do entrevistado). Isto é algo muito raro, pois sabemos que elogios não são a especialidade do temperamental guitarrista. Mas, o que mais surpreende mesmo, no entanto, é a revelação que entre 72 e 73, Ritchie, Ian Paice e Phil Lynott fizeram algumas gravações. Estas fitas permanecem desconhecidas até hoje e o próprio Blackmore não sabe o destino que elas levaram. E já fazem mais de dez anos, imaginem quantas coisas existem por aí gravadas, esperando a oportunidade de chegarem ao público?

Provavelmente esta entrevista será publicada (chupada?) por alguma revista brasileira, de forma que achemos melhor aguardar, para que vocês não fiquem com reportagens repetidas. Caso ninguém se habilite,

Mammoth

Este é tranquilamente o trio mais pesado da história do Rock. Cada um dos três pesa mais de cem quilos! Esta banda "da pesada" foi formada recentemente e a julgar pelo currículo de cada um deles, podemos esperar um trabalho "de peso" (tá bom, eu paro com estes trocadilhos...). John McCoy é velho conhecido dos Apreciadores, devido aos seus quatro anos como baixista da Gillan. McCoy é uma figura inconfundível. Gordíssimo, careca, de barba, parece mais um lutador de Catch as Catch Can. É um grande baixista, nos dois sentidos (êpa, escapou...). Como podemos comprovar também em seus discos solo e no seu trabalho no grupo Zebra. Os outros dois são Kenny Cox, guitarrista (ex-More) e Nicky Moore, ex-Samsom, no vocal. Eles já gra-

varam uma fita de demonstração (demo tape), com as faixas *Dressed to Kill* e *Fat Man* (provavelmente autobiográfica...) e um LP é esperado para breve. A banda foi apro-

priamente batizada Mamooth e, para alegria dos pobres e frágeis palcos, eles ainda não estão pensando em excursionar. **P**



MGM



Outra banda surge na família: MGM. Ela foi formada no ano passado por dois ex-guitarristas do Whitesnake: Bernie Marsden (o primeiro M) e Mel Galley (o G). O outro M do nome vem do baterista John Marter, ex-Mr. Big, Voyager e Marillion. A banda já tem seu demo tape, contando com o apoio de Neil Murray no baixo. Enquanto espera

a oferta de alguma gravadora para o primeiro LP, o MGM começou sua primeira turnê, no dia 6 de dezembro, pelo Marquee, de Londres. Oficialmente não foi divulgado, mas não se surpreendam caso Murray assuma de vez o baixo do MGM, dando adeus, mais uma vez, ao Whitesnake. **P**

YNGWIE

Quem já viu o guitarrista sueco Yngwie Malmsteen em ação sabe que não é difícil confundir-lo com Blackmore. A confusão acontece muito mais pelo visual e mis-en-scène, do que pelo modo de tocar propriamente. Yngwie realmente copia todos os comportamentos de palco de Ritchie, além de também se vestir de preto e usar a mesma guitarra. Mas, ele assume este comportamento, pois tem em Blackmore um herói. Musicalmente não existe tanta influência, embora o sueco também aprecie muito a fusão Rock/música Clássica. Sua técnica, no entanto, difere muito da do seu ídolo. Ritchie é um adepto das escalas pentatônicas, usadas apenas ocasionalmente por Yngwie, que faz uma verdadeira salada com todas as escalas convencionais. Atualmente, os professores de guitarra nos EUA e Europa já sabem quando chega um novo aluno, que será mais um a pedir aulas sobre as técnicas e

os solos de Malmsteen, verdadeira febre entre os guitarristas amadores e profissionais em todo mundo.

A carreira do guitarrista começou no Steeler, de vida curta e que deixou apenas um LP por uma gravadora independente. Hoje em dia este disco é um item raro e bastante procurado. Sua fama começou no Alcatraz, onde gravou dois discos antes de formar sua própria banda, o Rising Force. O primeiro LP desta banda saiu no Brasil, esgotando-se rapidamente. O disco seguinte, *Marching Out*, com agradecimentos a Blackmore, trouxe um som ligeiramente alterado, deixando um pouco de lado o Clássico e penetrando mais no Heavy, sempre mantendo o virtuosismo dos solos de Yngwie. *Trilogy*, o terceiro trabalho de Malmsteen já saiu, trazendo composições mais comerciais, segundo definiu o próprio guitarrista. E, gravadoras, quando sairão estes discos por aqui?

Quanto as pessoas que o acusam de copiar Blackmore, Yngwie respondeu através da revista americana *Guitar World*: "Isto não me aborrece. Quem diz isso deve ser musicalmente retardado. Não há muitas similaridades entre nós. Eu adoro o modo que Ritchie toca, mas eu não toco como ele. De certo



modo eu fazia algumas das coisas que Ritchie fazia porque eu as achava realmente "maneiras", mas eu as fazia do meu próprio jeito.

Eu estava nervoso a primeira vez que topei com Ritchie, porque eu ouvi várias histórias esquisitas sobre ele. Mas, quando eu o encontrei, ele foi realmente legal e até me deixou tocar nas suas guitarras. É um dos melhores caras com quem já cruzei. **P**

Pauline

A gata na air da foto tem muita coisa em comum com Ian Gillan, além do fato de ambos cantarem em bandas de Rock. Os dois são irmãos! Seu nome é Pauline Gillan e ela já está na estrada há alguns anos. Pauline cantou nas bandas Dirty Harry, X-Factor e Pauline Gillan



Northern Dance. Esta última transformou-se em Pauline Gillan Band em janeiro de 78, permanecendo em plena atividade até os dias de hoje.

O primeiro disco da Pauline Gillan Band foi um maxi-single,

contendo a canção *One more time*, seguido pelo primeiro LP, *Hearts of Fire*, em 85. *One more time* alcançou boas posições nas paradas inglesas, motivando o lançamento de outro maxi-single em 86, chamado *Damage is done*, pela etiqueta francesa New Records.

Pauline não segue o estilo das canções de Ian. Seu som está mais próximo daquilo que os ingleses classificam como Hard FM, ou seja, Rock do tipo Jefferson Starship, Europe, Heart etc.

Em suas declarações, Pauline faz questão de deixar claro que nunca recebeu qualquer proteção especial do célebre irmão, além do natural incentivo particular, algo muito natural.

Podemos adivinhar o pensamento de muitos Apreciadores neste momento: "Pô, será que o Gillan não quer um cunhadinho?" **P**

Rock'n'Rio II

Reproduzimos aqui a notícia publicada na Folha de São Paulo, do dia 23/1/87, que põe fim às esperanças de vermos o Deep Purple no Rock in Rio. Isto reduz a quase zero as chances de termos o Purple por aqui, uma vez que só um grande evento como este poderia fornecer a estrutura necessária a uma exibição dos nossos cinco amigos. Entretanto, sempre resta uma esperança. A experiência do primeiro Rock in Rio, quando a presença do Whitesnake só foi confirmada em cima da hora, não deixa nossos sonhos se apagarem totalmente. E falando em Whitesnake/Rock in Rio, aguardem o incrível relato de um Apreciador que conviveu os dez dias do festival com Coverdale e que tem muitas surpresas reservadas para nos contar.

Rock in Rio está previsto para janeiro de 88

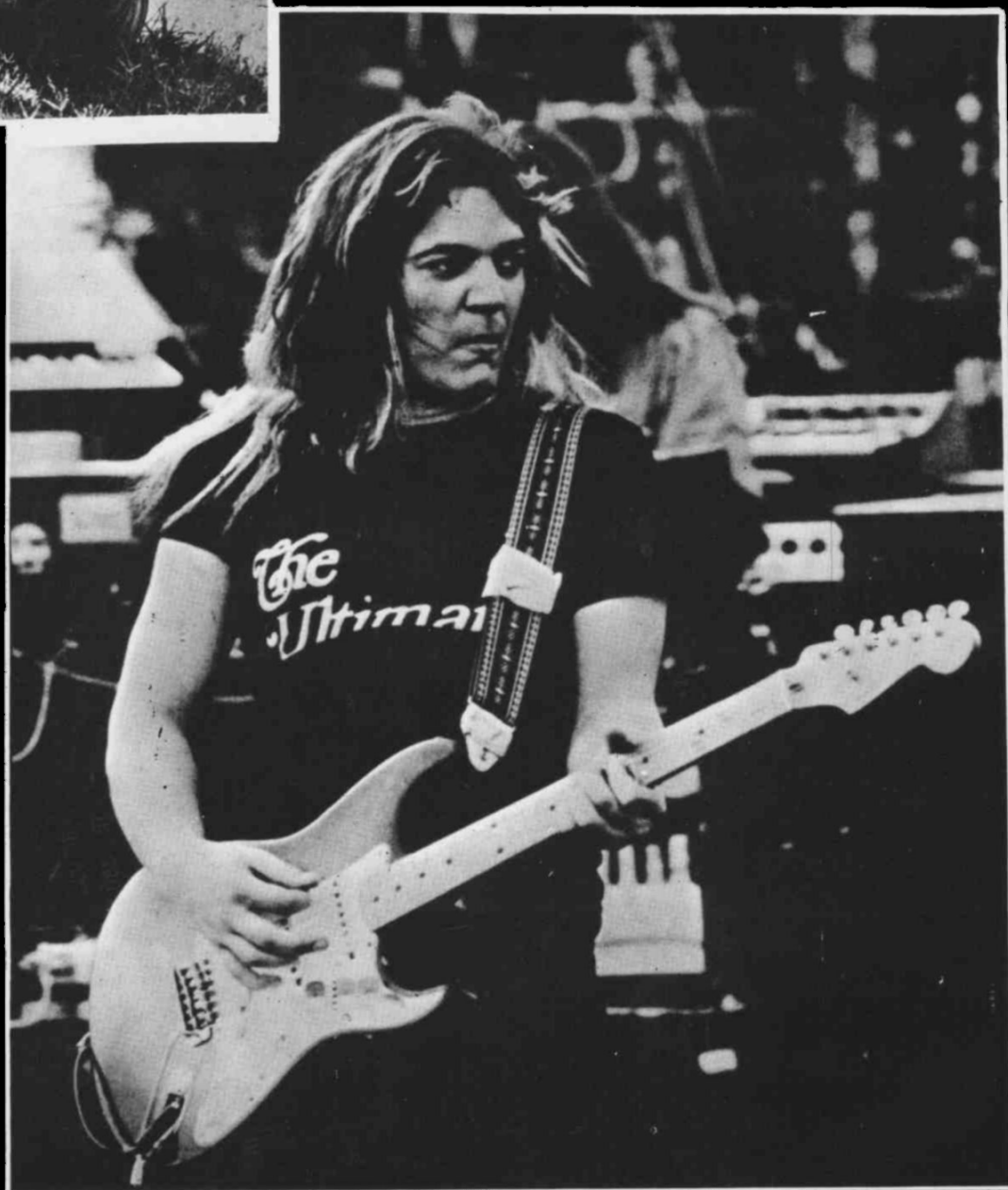
Do Sucursal do Rio

A segunda edição do festival Rock in Rio já tem data marcada: 15 de janeiro de 1988. Esta é a previsão do diretor da divisão internacional da Artplan, Oscar Ornstein, que está iniciando os contatos com grupos estrangeiros interessados em participar do evento. A lista de Ornstein inclui nomes como Lionel Richie, Tina Turner, Dire Straits, U2, Madonna, Bruce Springsteen, Paul McCartney, The Cure, David Bowie, Bob Dylan, Eric Clapton, Sting, Duran Duran, Tears for Fears e Queen, que participou do primeiro Rock in Rio. A Artplan não definiu até agora as atrações nacionais para 88.

O Rock in Rio 2 terá oito dias de duração, ao contrário do primeiro, que se estendeu por dez dias. Haverá um intervalo nos dias 18 e 19 de janeiro, sendo o encerramento marcado para o dia 24 de janeiro. De sexta a domingo serão apresentados seis shows e na quarta e quinta-feira, quatro shows.

Oscar Ornstein garantiu que o principal problema do primeiro festival, em janeiro de 85, não acontecerá novamente: a lama causada pelas chuvas será evitada através de um sistema de drenagem nos 250 mil metros quadrados da área dos shows, no Recreio dos Bandeirantes, zona oeste do Rio, onde foi montada a infra-estrutura do festival passado. A invasão de público, outro problema, será evitada com a instalação de torques magnéticos nos portões de entrada.

Segundo Ornstein, até o final de abril estarão definidos os patrocinadores do evento, e a partir daí os contratos com os grupos começarão a ser assinados. O diretor disse também que ainda não há previsão de custos para a realização do Rock in Rio 2.



TRIBUTO A TOMMY BOLIN
1951 — 1976